



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

MANUELA CATALINA BELTRÁN LEITE

PRESENÇA
A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE FORTALEZA

FORTALEZA

2021

MANUELA CATALINA BELTRÁN LEITE

PRESENÇA
A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE FORTALEZA

Relatório de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, a acompanhar produção jornalística (website), ambos requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B392p Beltrán Leite, Manuela Catalina.

Presença : a motivação na educação básica de Fortaleza / Manuela Catalina Beltrán Leite. – 2021.
62 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.

1. Motivação na educação. 2. Ensino básico em Fortaleza. 3. Site multimídia. 4. Jornalismo imersivo. I. Título.

CDD 070.4

MANUELA CATALINA BELTRÁN LEITE

PRESENÇA

A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE FORTALEZA

Relatório de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, a acompanhar produção jornalística (website), ambos requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Sara Rebeca Aguiar de Carvalho
Jornalista profissional

AGRADECIMENTOS

Tenho pensado nos agradecimentos desde o começo de 2020. Por algum motivo, imaginar como agradecer todos aqueles que acompanharam essa trajetória mentalmente cansativa ajudou a seguir em frente. Provavelmente as palavras que colocarei aqui serão incapazes de traduzir o que eu realmente sinto. Mas há de se começar.

Assim que agradeço aos meus pais, Sandra e Rosseval, por basicamente tudo. Por permitirem que eu vivesse a educação da maneira que melhor me encaixava, por permitirem que eu me expressasse por meio da arte e por trabalharem tanto para tornar a minha vida cheia de privilégios. Meus pais são pesquisadores e educadores. Definitivamente, a escolha do tema deste projeto foi subconscientemente influenciada por eles.

Às minhas irmãs, Diana e Gabriela, por apoiarem e sempre comemorarem as minhas pequenas-grandes vitórias. Qualquer coisa que eu mostrasse do TCC era razão de muitos stickers com corações, simulações de surtos de felicidade e dancinhas hilárias. Uma boa risada e uma recepção calorosa motivam qualquer um.

Agradeço às minhas amigas, Marília (Abreu e Freitas), Marcela, Ingrid, Cindy e Gabriela. Todas surtamos, reclamamos e nos apoiamos durante a produção dos nossos TCCs. Encontramos soluções juntas, organizamos horários de orientação e também celebramos os avanços de cada uma. Agradeço ao Jeff, meu namorado, definitivamente quem mais ouviu os meus choros e sempre retribuiu com carinho, força e com a certeza de que daria certo - porque eu sou incrível e sempre faço coisas incríveis (nas palavras dele).

Agradeço às minhas editoras do jornal O POVO: Adailma, Paula, Amanda, Juliana, Sara, Regina e Fátima. É indescritível o quanto eu aprendi, cresci e amadureci ao ser acompanhada por essas profissionais. Mulheres que confiaram no meu trabalho desde antes do estágio até a vida de repórter. Aproveito para agradecer também aos meus colegas de trabalho/amigos Hamlet, Gabriela (Custódio) e Rubens. Que feliz é encontrar gente como vocês no caminho! Ainda, obrigada aos meus amigos da Equipe da Manhã, Leonardo (especialmente pela força com a edição dos vídeos do trabalho!),

Laís, Ísmia e Júlia. Vocês tornaram meus dias de *home office* pandêmico menos solitários, mais suportáveis. E isso muda tudo!

Aos professores Sayonara, Fabrício, Lucas e Angélica: muito obrigada pela paciência, confiança e dedicação em tornar possível a participação dos estudantes, professores e familiares no projeto. Este site é para vocês.

Obrigada à Juliana de Camillo, pelo desenvolvimento do site com carinho, paciência e zelo às ideias, preocupações e possibilidades. Ele ficou exatamente como imaginei, sem nem saber que era possível!

Agradeço mil vezes ao meu orientador Rafael Rodrigues por escutar meus surtos com paciência e atenção, por mostrar caminhos e por ajudar a tornar esse projeto possível. Obrigada por topar minhas ideias megalomaniacas e por garantir que eu mantivesse os pés no chão.

Por fim, gostaria de agradecer a mim. Eu sei, parece um pouco egocêntrico demais, mas acho que mereço e preciso. Ainda que pareça besteira, produzir este trabalho foi uma batalha psicológica comigo mesma - a parte boa é que eu venci.

“Yo vivo de preguntar

Saber no puede ser lujo”

Silvio Rodríguez - Escaramujo

RESUMO

Com o objetivo de promover um espaço de reflexão sobre quais os modelos de educação ideal para diversos atores sociais, foi desenvolvido um site multimídia que aborda os aspectos motivadores e desmotivadores da comunidade escolar do ensino básico de Fortaleza, especificamente nas Escolas de Tempo Integral (ETIs). O site Presença é composto por seis abas, destinadas a reflexões sobre cada ator social trabalhado: professores, alunos, pais e responsáveis, comunidade, políticas públicas e escola. Ele também inclui um podcast sobre o ensino médio. Dessa forma, a educação é trabalhada em sua completude de agentes influenciadores e participativos no processo educacional. Realizada durante a pandemia de Covid-19 em Fortaleza, entre os anos de 2020 e 2021, a apuração jornalística se deu de maneira completamente remota, utilizando-se de entrevistas por WhatsApp, Zoom ou telefone, formulários e atividades com os alunos mediadas pelos professores. Os produtos do site foram construídos a partir de preceitos do jornalismo multimídia e do jornalismo imersivo, garantindo a interatividade e a participação dos usuários na construção dinâmica e constante do produto. A partir das entrevistas e relatos, foi possível identificar as motivações e desmotivações dos atores sociais com o modelo educacional oferecido pelas ETIs de Fortaleza, além de pontuar as diversas maneiras que a comunidade escolar tem se mobilizado para garantir o acesso a uma educação justa e compatível com as demandas de cada comunidade.

Palavras chave: Motivação na educação. Ensino básico em Fortaleza. Site multimídia. Jornalismo imersivo.

ABSTRACT

In order to promote a space for reflection on the ideal education of social actors, a multimedia website was developed, addressing the motivating and demotivating aspects of the secondary school community in Fortaleza, specifically in full-time schools (ETIs, in portuguese). The Presença website is composed of six tabs, focused on reflections about each of the social actors addressed: teachers, students, parents and guardians, community, public policies and school. It also includes a podcast about high school. This way, the education is approached by its completeness through influential and participatory agents in the educational process. Produced during the Covid-19 pandemic in Fortaleza, between the years 2020 and 2021, the journalistic investigation was carried out completely remotely, with interviews made by WhatsApp, Zoom or telephone, forms and activities with students mediated by teachers. The website's products were built based on the principles of multimedia journalism and immersive journalism, guaranteeing the interactivity and participation of users in the dynamic and constant construction of the product. From the interviews and reports, it was possible to identify the motivations and demotivations of the social actors with the educational model offered by the full-time schools in Fortaleza. It was also possible to point out the different ways the school community has been working to guarantee access to a fair education, compatible with the demands of each community.

Keywords: Motivation in education. Secondary school in Fortaleza. Multimedia website. Immersive journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de personagens	38
Figura 2 - Exemplo de profissionais	38
Figura 3 - Cores do Presença	43
Figura 4 - Tons de cinza do Presença	44
Figura 5 - Tipografia Fredoka One	44
Figura 6 - Tipografia Roboto	45
Figura 7 - Primeira logo	46
Figura 8 - Logo Raquel Borges	47
Figura 9 - Logo DG Design	48
Figura 10 - Logo Guardián de la Salud	48
Figura 11 - Formato das nuvens e da pétala	49
Figura 12 - Logo final do Presença	49
Figura 13 - Árvore hipertextual	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Motivação	16
2.2 Educação	17
2.2.1 <i>Pessoas</i>	17
2.2.2 <i>Instituições</i>	22
2.3 Jornalismo	26
3 METODOLOGIA	30
3.1 Estratégias e ferramentas jornalísticas	30
3.2 Concepção editorial	38
3.3 Identidade visual	41
3.3.1 <i>Cores</i>	41
3.3.2 <i>Tipografia</i>	44
3.3.3 <i>Logo</i>	46
3.4 Site	50
3.5 Podcast	52
4 RESULTADOS	54
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1 INTRODUÇÃO

Falar de educação e compreendê-la de forma mais abrangente é complexo e requer abordagens de diversos ângulos. Enquanto o compromisso principal da educação é, a priori, preparar alunos para serem cidadãos críticos, o contexto educacional depende de fatores além dos estudantes. Ainda que eles sejam os sujeitos centrais, as motivações e o desempenho escolar dessas crianças e adolescentes são influenciados pelas motivações e desempenhos de pais, responsáveis legais, professores e da comunidade. Também estão aquém da decisão política do Estado, de modelos pedagógicos e didáticos aceitos pela legislação e da estrutura física das dependências escolares.

Para analisar os aspectos influenciadores do aprendizado de alunos, principalmente a partir da análise dos contextos deles e de com quem convivem, surgem iniciativas internacionais como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O objetivo do programa é produzir indicadores que auxiliem na discussão da qualidade da educação nos 79 países participantes, a fim de embasar políticas de melhoria do ensino básico. No Brasil, o Pisa é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Dados do Pisa, referentes aos anos de 2015 e 2018¹, indicaram que a satisfação dos professores com o emprego está fortemente ligada à presença dos alunos nas aulas. Em 2015, a pesquisa indicou que parcela muito reduzida de pais de alunos alcançaram o nível superior de ensino no Brasil - menos de 15% dos adultos na faixa etária de 35 a 44 anos. Outro fator ressaltado pelo Pisa 2015 é que 43% dos alunos se situavam entre 20% das camadas mais desfavorecidas na escala internacional de níveis socioeconômicos do programa.

Estes e outros dados são considerados pela pesquisa como diretamente relacionados ao desempenho abaixo da média dos alunos brasileiros em relação aos de outros 78 países e economias participantes da prova. Em 2018, o País ocupa o 57º lugar na tabela comparativa da avaliação.

¹ O relatório brasileiro do Pisa 2018 disponibilizado pelo Inep ainda é uma versão preliminar. Por isso, optou-se por utilizar alguns dados mais consolidados de 2015 e que ainda não foram abordados pelo relatório mais atual.

O relatório “Brasil no PISA 2015: Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros” indica que mais de 50% dos estudantes brasileiros gostam de ler, têm interesse ou se divertem quando estão aprendendo sobre tópicos de ciência - temática principal da avaliação de 2015. Assuntos que abordam a importância da ciência na prevenção de doenças e a história do Universo são considerados os mais interessantes para eles.

Entretanto, apesar do visível interesse pelo aprendizado, quase 50% dos alunos reportaram ter faltado a um dia inteiro de aulas nas duas semanas antecedentes à avaliação do Pisa 2015. Segundo a OCDE, o dado representa pouco interesse dos jovens brasileiros em participar das aulas. Além disso, a prática influi diretamente no desenvolvimento das turmas e na repetência de ano escolar dos alunos. Em média, 20,3% deles informaram ter repetido pelo menos uma vez nos primeiros e últimos anos do Ensino Fundamental.

Interessante ressaltar que o Pisa está constantemente elencando dados sobre os pais, professores e comunidade escolar dos alunos. Para o programa, o índice de status econômico, social e cultural (ESCS) é fator central para a compreensão do desenvolvimento dos estudantes brasileiros, e depende também dos atores sociais supracitados.

Quais são os fatores que motivam e desmotivam estudantes, professores, pais e responsáveis e a comunidade em relação à educação? Como e para que fins a política e legislação brasileira foi e está constituída para trabalhar a educação? De que maneira a estrutura física das dependências escolares auxiliam ou prejudicam no processo motivacional dos alunos?

Esses questionamentos e seus desdobramentos devem ser explorados jornalisticamente de forma multimídia e transmídia em um site, com a utilização de recursos imagéticos - infográficos, ilustrações, fotografias -, audiovisuais - série de vídeos sobre cada temática - e auditivos - série de programas no formato podcast -, de forma a democratizar o acesso aos conteúdos.

Compreende-se que a abordagem oferece visão ampla e inclusiva do contexto educacional cearense, garantindo que a educação seja vista por uma perspectiva complementar e complexa, dependente de fatores externos ao aluno e à própria escola. A maneira que os estudantes encaram a educação está intrinsecamente

relacionada às próprias experiências dos pais ou responsáveis legais, professores e da comunidade com as vivências educacionais. Aspectos socioeconômicos e o ambiente escolar - como a estrutura da escola e o local geográfico em que está inserida - também compõem a percepção do estudante e a qualidade do ensino.

Também é inegável a importância da abordagem referente às políticas públicas voltadas para a educação. Além do Pisa, o Brasil possui outros recursos e índices que auxiliam na legislação educacional. Para o ensino básico em especial, que abrange a educação infantil, fundamental e o ensino médio, existe o Censo Escolar, aplicado anualmente desde 2008. Aliados a ele, estão o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA).

Os dados obtidos pelos instrumentos contribuíram para a formulação do Plano Nacional de Educação (PNE), lei em vigência desde 25 de junho de 2014, que estabelece diretrizes, metas e estratégias para os próximos dez anos da educação brasileira. O documento também orienta sobre a profissão docente e a implantação da gestão democrática e o financiamento do ensino. Igualmente importante para o PNE está a construção de estratégias específicas para a redução da desigualdade e a inclusão de alunos com deficiência, indígenas, quilombolas, estudantes do campo e alunos em regime de liberdade assistida.

Esse conjunto de problemáticas serão tratados pelo **Presença**², um site multimídia para conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Dessa forma, o **objetivo geral** do projeto é construir um site multimídia e interativo que aborde as motivações relacionadas à educação básica fortalezense a partir da perspectiva dos alunos, pais, professores, comunidade, políticas públicas e estrutura escolar. Para tal, definimos os seguintes **objetivos específicos**:

1. Produzir jornalismo em profundidade sobre as dimensões identificadas como pertinentes para a abordagem da motivação no Ensino Fundamental II;
2. Alimentar dentro do site uma base de dados cooperativa sobre a escola e bairro ideal dos atores sociais relacionados a fatores como estrutura escolas, quadro de funcionários e espaços públicos;

² Disponível em <http://presenca.jor.br/>

3. Abordar problemáticas relacionadas à motivação educacional no Ensino Médio em uma série de episódios de podcast.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Motivação

Das experiências que apenas situações muito atípicas nos proporcionam, este TCC foi produzido durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, em um ano de quarentena. No privilégio de poder ficar em casa e continuar trabalhando em sistema *home office*, decidi continuar com o projeto, mesmo sendo um trabalho prático. Dessa forma, tive a oportunidade de planejar melhor o trabalho, já que a apuração na rua (ou melhor, na escola) precisaria esperar. Depois de um tempo, ela provou-se impossível, pela piora no cenário pandêmico de Fortaleza e a continuidade das escolas fechadas por tempo indeterminado. Nesse meio tempo, a Capital passou por dois lockdowns: de abril a maio de 2020 e durante o mês de março de 2021.

Existe uma sensação minha de que, para o Jornalismo, está proibido teorizar. Isso seria um direito das filosofias e das artes, enquanto a comunicação deve se aposar dessas produções e isentar a própria opinião. Para o TCC, tive o privilégio de fazer o contrário: teorizar sobre o que a motivação é para mim, o que ele significa nos contextos do meu TCC. Assim, o que apresento é quase uma licença poética pelo direito de refletir brevemente sobre a motivação.

Antes de aplicar o meu sentido às coisas, é preciso buscar os sentidos que elas já possuem. Motivação vem do latim *movere*. De acordo com o dicionário Michaelis, o substantivo feminino pode ser definido como o “ato ou efeito de motivar”. A motivação é, portanto, algo que move, que leva a uma ação. Por outro lado, é importante destacar que a motivação não é algo ativada pelo outro. Ou seja, ninguém intencionalmente motiva ninguém a nada. A motivação vem de dentro, é um impulso interno.

No entanto, apenas com essas definições a motivação parecia algo muito impalpável, sem rumo. Por isso, era difícil definir a motivação para as pessoas no momento de apresentar o trabalho. Com o tempo, fui preferindo usar a palavra *propósito* como sinônimo, ainda que não visse nela o significado de motivação. Foi quando entendi que, na realidade, o propósito é finalidade e motivação é sentimento.

Explico: propósito é um objetivo, uma intenção muito clara de futuro. Oferecer oportunidades aos estudantes é um propósito, transformar o mundo é outro. Já a motivação é o sentimento/impulso que faz cada um de nós levantarmos da cama para, no contexto deste TCC, lecionar, estudar, matricular os filhos, confiar na educação e assim por diante. Dessa forma, a motivação pode ser algo material ou imaterial. Ela pode se materializar nos alunos, como muitos professores entrevistados afirmaram ser quem os motiva; assim como pode ser entendida em uma sensação - alguns professores disseram que a motivação para eles era o prazer de lecionar.

A motivação e o propósito de cada um é individual, mas os fatores que influenciam as dimensões são universais.

2.2 Educação

A área da educação é exaustivamente pesquisada por diversos campos do saber. Do ponto de vista jornalístico, a imensidão de dados torna o desenvolvimento do projeto igualmente fácil e difícil. Fácil porque para qualquer temática relacionada à educação que se deseje investigar, por mais específica que seja, há um ponto de vista já - ou a ser - desenvolvido. Pelo mesmo motivo a construção do produto jornalístico é dificultada, pois idealmente requer do jornalista habilidade de apresentar todos os pormenores do tema de maneira criativa, didática e não-exaustiva.

Para abranger o máximo possível de informações referentes aos componentes da educação básica no Ceará e a responsabilidade deles para com a motivação do aluno, o site multimídia trabalhará com seis diferentes ângulos referentes à educação: legislação, professores, pais e responsáveis legais, comunidade, estrutura física das dependências escolares e alunos. Mais especificamente, o produto abordará o Ensino Fundamental II - que corresponde do 6º ao 9º ano escolar e à faixa etária de 11 a 14 anos de idade - na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Ainda, trabalhará principalmente com escolas de Tempo Integral, por representarem projeto político nacional, estadual e municipal de novo sistema escolar.

2.2.1 Pessoas

Depois da família, o ambiente escolar é o segundo espaço de socialização das crianças. Nele, além de aprender os conteúdos de ciências exatas, humanas e biológicas, as crianças geralmente criam as primeiras amizades fora do ambiente familiar e entram em contato com outros tipos de conhecimento. Facilitadas pela escola como espaço físico, essas relações têm potencial motivador para a permanência e interesse das crianças e adolescentes³ no meio educacional. Não apenas esses fatores possuem potencial motivador/desmotivador, como também outros que atravessam os atores sociais envolvidos na comunidade escolar (alunos, pais e familiares, professores e comunidade) que influenciam direta ou indiretamente na motivação/desmotivação em relação à Educação.

Primeiramente, existe uma compreensão no meio educacional de que a estrutura familiar constantemente conflitada prejudica o desempenho e motivação dos alunos. A problemática é percebida por Setubal (2009) como responsável por reduzir a visão de futuro dos jovens e fazê-los crer que estudar não compensa, já que se poderia utilizar o tempo para trabalhar e contribuir economicamente em casa. Inclusive, segundo a presidente do Conselho Administrativo do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Maria Alice Setubal, a escola sozinha, como equipamento, é incapaz de suprir a importância da contribuição educacional advinda da família.

Complementar a isso, Crepaldi (2017) considera a família como alicerce para a construção do indivíduo, já que é dentro dela que o aluno define os primeiros relacionamentos e cria modelos de como se relacionar com os outros - dessa forma, a autora entende que não cabe à escola a “tarefa básica de educar, mas sim à família”. Ao mesmo tempo, é preciso pensar a relação entre os responsáveis e as instituições escolares como de parceria. Isso significa que os pais e responsáveis devem estar envolvidos e atentos ao desenvolvimento das crianças e adolescentes dentro das escolas. No entanto, de acordo com os resultados do Pisa 2018, essa aproximação entre os atores sociais ainda é sensível.

Segundo os diretores entrevistados pela OECD (2019), cerca de 41% dos familiares tiveram a iniciativa de discutir o progresso escolar dos filhos. Enquanto isso,

³ Apesar de colocar os alunos como personagens principais da sentença, reforça-se que o interesse do presente trabalho é abordar as motivações de todos os atores sociais. Para fins de síntese do projeto, é mais direto relacionar os fatores motivadores da educação básica para os alunos.

57% o fizeram somente após serem convidados pelos professores. Os números são uma média entre os resultados dos 78 países analisados pelo programa. Em relação ao Brasil, o relatório indica que menos de 3 entre 10 pais e familiares acompanharam o progresso escolar dos adolescentes.

De acordo com os parentes entrevistados em nove países e economias da OECD, os principais obstáculos para participar das atividades escolares, segundo os próprios pais, são a necessidade de trabalhar (34%) e os horários inconvenientes das reuniões organizadas pela escola (33%).

A OECD (2019) lembra, no entanto, que alguns estudos indicam que o envolvimento dos pais nas atividades escolares está “modestamente” associado aos resultados escolares, pelo menos quando comparados com “a boa parentalidade em casa” (DESFORGES, ABOUCHAAR, 2003, *apud* OECD, 2019). Segundo o órgão, o baixo nível de envolvimento dos pais nas atividades escolares pode refletir na confiança dos pais na escola - de maneira a não afetar os alunos, no entendimento do programa - ou gerar um modelo de gestão escolar que delegue aos professores a missão de controlar todo o processo instrucional, enquanto os pais somente fornecem apoio doméstico, ou até repasse todas as responsabilidades acadêmicas para a instituição.

De qualquer forma, o presente projeto não está preocupado com rendimento escolar, foco do Pisa, mas com motivação. Por isso, compreende-se que investigar a história dos pais e responsáveis dos estudantes colabora para compreender a forma que os alunos encaram o sistema educacional. Conhecer os bastidores de experiências dos pais é essencial, passando desde saber se são alfabetizados, em qual escola estudaram, como era a relação deles com os professores; até questionar o valor da educação e a importância dela para o futuro dos filhos.

Interessante acrescentar que, de acordo com Setubal (2009), a escola é o primeiro, às vezes único, espaço público das comunidades. É antro das burocracias e legalidades e, portanto, muitas vezes pode ser local que reforça a invisibilidade dos responsáveis e dos alunos. Isso porque, quando a escola não trabalha integralmente com a comunidade e com os pais, ela corre o risco de se fechar em um status de detentora total do poder.

A escola exige “competências culturais” que os alunos só poderiam ter a partir dos pais, que por sua vez em geral não as tiveram - o que a autora entende como

violência simbólica. A partir daí, alunos e pais deixam de se reconhecer nos conteúdos e conceitos transmitidos pela escola, sentindo-se excluídos - mais uma vez - pelo sistema público. Colocado dessa maneira, os professores e profissionais das escolas parecem “culpados”. Não é bem assim.

Os professores também enfrentam dificuldades no processo educativo e motivacional. Primeiro porque a formação dos docentes ainda não os prepara para terem “percepção mais eficaz” (CREPALDI, 2017) sobre as motivações dos alunos, depois porque o próprio modelo educacional sobrecarrega o professor com centenas de estudantes por ano. Ainda que Tardif (2002) chame a atenção para os profissionais refletirem sobre as próprias práticas educativas, ele considera igualmente importante compreender as histórias e contextos em que vivem e trabalham esses docentes.

Dos dez professores pré-entrevistados para o presente projeto, oito compartilharam a sensação de serem psicólogos e assistentes sociais ao mesmo tempo que educadores. Trabalhando em escolas de bairros caracteristicamente vulneráveis em Fortaleza (José Walter, São João do Tauape, Curió e Bela Vista), os professores precisam lidar com alunos “carentes de afeto” e inseridos em contextos de violência, seja doméstica e sexual em casa, seja a violência pelo tráfico de drogas, personalizada pelas facções. Incluído a isso, Pimenta e Lima (2012, *apud* Crepaldi, 2017) elencam as próprias dificuldades de preparar os alunos para as áreas do conhecimento de disciplinas relacionadas a Ciências e suas Tecnologias, à retomada da importância desses conhecimentos e “ao atendimento às exigências da sociedade para que [os professores] sejam geradores de culturas e identidades que se perderam por consequência das desigualdades/diferenças culturais”.

De acordo com Tardif (2002), a prática profissional dos docentes é constantemente influenciada por suas vivências pessoais. É a partir delas que o professor define como agir frente aos desafios de sala de aula, e é a partir delas que ele define que tipo de professor ele quer ou não ser. Isso porque ele procura na imagem de antigos professores referências para o certo ou errado na construção do “Eu profissional” (TARDIF, 2002). Tudo isso está relacionado ao conceito de “socialização pré-profissional”, também discutido pelo autor.

Ainda, a própria estrutura do ensino básico no Brasil é fator que desanima os professores. Questões como baixos salários, a desvalorização da escola pública e do

professor, e a má formação de professores por parte dos cursos de nível superior são citadas por Lima (2012) como desafios ao exercer a atividade profissional. Ela também menciona a “ausência da família na escolaridade do filho e a diversidade dos alunos em virtude da democratização do ensino”, para a qual os docentes percebem-se despreparados para lidar.

Um dado interessante do Pisa 2018 é que cerca de 83% dos estudantes brasileiros concordaram ou concordaram muito que os seus professores demonstravam prazer em lecionar. Entre os outros países da OECD, a média para a mesma resposta foi de 74%. Conforme a nota da OECD com os resultados do Brasil, na maioria dos países e economias do Pisa 2018, os estudantes alcançaram maiores pontuações em leitura quando perceberam os professores mais entusiasmados. Ou seja, os alunos brasileiros sentem-se mais motivados a ler⁴ quando os professores se mostram interessados nas matérias.

De fato, há alegria na profissão, ainda que ambígua. Os professores entrevistados por Lima (2012) contam que em uma mesma turma é possível vivenciar “o sentimento de alegria com seu desenvolvimento em uma atividade”, mas, no mesmo dia, entristecer-se com atitudes dos alunos ou até mesmo com as condições de vida deles.

O ciclo volta para a discussão do meio em que os estudantes vivem. Enquanto a abordagem da família já foi brevemente debatida, a comunidade continua como plano de fundo contextualizador das vivências dos alunos. Ressalta-se que a comunidade é o próprio bairro, o ambiente, personalizados na família, amigos e vizinhos. Santos e Cerdeira (2013) definem comunidade como “a forma de viver próximo”, com relações estabelecidas pelo modo de vida. “As pessoas que fazem parte da comunidade valorizam as tradições do seu povo, a cultura, a religião, [...] são pessoas que têm algo em comum” (SANTOS E CERDEIRA, 2013, p. 2). Somado a isso, está o sentido de comunidade para Cody e Siqueira (1997, *apud* BEZERRA *et al*, 2010), no qual compreendem-se os pais, professores e os “representantes do meio econômico, político e social, na qual a escola está inserida”.

⁴ Para o Pisa 2018, a motivação é um aspecto importante a ser considerado quando se avalia a leitura e o letramento.

Há diferenças claras de desenvolvimento escolar entre crianças e adolescentes que moram e estudam em bairros vulneráveis, com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) e sem suporte público, e aquelas que vivem justamente o contrário. Os dados do Pisa deixam claro que alunos de países com menor desenvolvimento social tendem a terem desempenhos igualmente menores. Importante ressaltar que o desenvolvimento é social, não econômico: o relatório do Pisa 2015 apontou que países com Produto Interno Bruto (PIB) menores que o do Brasil ainda obtiveram resultados melhores na prova em comparação ao País.

Em 2016, o relatório indicou que era preciso transformar os aumentos no investimento em educação em melhores resultados de aprendizagem para os alunos. A partir de 2009, ano de início da estagnação do Brasil na prova, o País começou a investir cada ano mais na educação. Em 2009, foram R\$18 bilhões e em 2018, R\$39 bilhões. No entanto, os dados da OECD apontam que a desigualdade socioeconômica na escola pareceu se aprofundar ainda mais: em 2009, a diferença de desempenho relacionada ao status socioeconômico foi de 84 pontos no Brasil (e 87 pontos em média nos países da OECD), enquanto em 2018, o vão foi de 97, comparado com 89 na média mundial.

Ainda, conforme informações do Pisa 2018, quanto mais rico social, cultural e economicamente o estudante for, maiores são as oportunidades de acesso à educação e, com isso, melhor é o desempenho escolar. Um em cada dez estudantes pobres, na faixa etária de 15 anos, acreditam que não vão concluir o ensino superior. Já no caso dos mais ricos, a média é de 1 em cada 25.

2.2.2 Instituições

A República Federativa do Brasil possui órgão com atividades integralmente voltadas para a educação desde 1995, quando o governo Fernando Henrique Cardoso criou o Ministério da Educação (MEC) - a partir do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, por sua vez criado em 1930 pelo governo de Getúlio Vargas.

Segundo o site do ministério, ao MEC compete atuar em todas as áreas da educação: política nacional de educação; educação básica; educação superior; educação

de jovens e adultos; educação profissional e tecnológica; educação especial e educação a distância. Também é responsabilidade do ministério questões relacionadas à avaliação, informação e pesquisa educacionais; à pesquisa e a extensão universitárias; ao magistério e à assistência financeira a famílias carentes para a escolarização de seus filhos ou dependentes.

Os principais marcos legislativos da Educação no Brasil são a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1961 e atualizada uma década depois, e da Base Nacional Comum Curricular, instituída em 2015. Ainda, em 1996, foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), que vigorou até 2006. Pelo Fundef, os recursos vinham das receitas dos impostos e das transferências dos estados, do Distrito Federal e dos municípios vinculados à educação.

Ele foi substituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), pelo qual toda a educação básica, da creche ao ensino médio, passou a ser beneficiada com recursos federais. Entretanto, a legislação atual extinguiu o fundo no dia 31 de dezembro de 2019 - prorrogada para dezembro de 2020. A Câmara dos Deputados aprovou em dois turnos⁵ a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 26/2020 que renova o Fundeb e o torna permanente. O texto também aumenta gradativamente a contribuição do governo, que deve passar dos atuais 10% para 23% até 2026. Além disso, determina que 70% dos recursos do fundo devem ser gastos com os salários de professores, 10% a mais do que o valor repassado pela legislação atual.⁶ A PEC agora será enviada para apreciação do Senado, onde também deve ser analisada em dois turnos e precisará da aprovação de pelo menos 49 senadores.

Sob o nível Federal estão o Estadual e Municipal, cada um com suas secretarias. No Ceará, a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc/CE) foi criada em 1996 e é responsável por “garantir a educação básica com equidade e foco no sucesso do aluno” (CEARÁ, 2019). Ela trabalha com seis projetos principais, que

⁵ A PEC 26/2020 foi aprovada pela Câmara dos Deputados no dia 21 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/07/21/camara-dos-deputados-aprova-novo-fundeb-em-primeiro-turno.html>

⁶ Entenda a PEC que torna o Fundeb permanente. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/07/entenda-a-pec-que-torna-o-fundeb-permanente>

objetivam oferecer: educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas, em acordo com o PNE; educação profissional para os alunos; formação continuada aos professores e apoio à gestão escolar. Também avaliam o desempenho acadêmico dos alunos de ensino fundamental e médio em língua portuguesa e matemática e desenvolvem ações para mobilizar e preparar os estudantes da rede estadual para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com confiança. Ainda, há o projeto Grêmio Estudantil, entidade autônoma, criada e dirigida por alunos de mesma escola que objetiva implementar gestão democrática no espaço escolar.

Um dos principais projetos do Governo do Ceará é a ampliação das Escolas em Tempo Integral (ETIs) no Ensino Médio, grau escolar de responsabilidade do Estado. O chamado “Plano de Universalização da Escola em Tempo Integral do Ceará” objetiva transformar pelo menos 50% das escolas de Ensino Médio em ETIs até 2024. O plano atende à Lei Estadual nº 16.287, de 20 de julho de 2017, à meta 6 do PNE e à meta 6 do Plano Estadual de Educação (PEE). Ainda, a meta 6 do PNE objetiva garantir que, no mínimo, 25% dos alunos da educação básica sejam atendidos em jornadas diárias de sete horas ou mais até 2024.

Para escolher quais escolas seriam transformadas em ETIs gradualmente, o Estado definiu critérios de prioridade como: 50% ou mais dos alunos recebendo o Bolsa Família, baixo índice de aprovação, municípios mais populosos e com jovens em situação de vulnerabilidade social. Também foram definidos critérios relacionados à infraestrutura e de viabilidade de implementação.

De acordo com dados disponibilizados pelo Observatório do PNE (2019), o Ceará já tem 55,1% de escolas públicas com matrículas em tempo integral, comparado com 33% da média brasileira. Em relação a quantidade de matrículas em ETIs, o Ceará soma 31,4% - contra 14,2% no Brasil. A estatística, no entanto, deve incluir os índices de Fortaleza, cuja política educacional também está focada na implementação das ETIs no ensino básico - em específico no Ensino Fundamental.

Em Fortaleza, a Secretaria Municipal de Educação (SME) foi criada em julho de 2007, por meio da Lei Complementar Nº 0039 que reestruturou a Secretaria Municipal de Educação e Assistência Social (Sedas), dando origem às pastas da Assistência e da Educação. A SME coordena o Plano Municipal de Educação (PME),

que objetiva otimizar e garantir o padrão de qualidade do modelo educacional. Nele, o capítulo 3.8 trata sobre a educação integral em ETIs.

De acordo com a SME (2019), Fortaleza tem 22 ETIs que atendem aproximadamente 8 mil alunos da rede municipal. Dessas, 18 estão voltadas para o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

No PME, assim como no PNE e PEE, as escolas de tempo integral também são de “educação integral”. Isso significa que a missão da escola é contemplar os aspectos afetivos, cognitivos, artísticos, espirituais, esportivos e socioculturais do desenvolvimento humano (FORTALEZA, 2015). Para isso, é necessário garantir uma infraestrutura específica e ampliar os tempos e espaços educativos.

Pelo PME, é possível identificar que as ETIs e a educação integrada são componentes importantes cumprir com diretrizes envolvendo erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; superação das desigualdades educacionais; melhoria da qualidade do ensino; promoção da educação em direitos humanos, contra o preconceito e pela sustentabilidade socioambiental; valorização dos profissionais de educação; entre outros (FORTALEZA, 2015).

O resgate histórico e o conhecimento dos planos educacionais do governo e das secretarias permite compreender os objetivos e prioridades do Estado para com os alunos. Além disso, é claro, as políticas públicas para outras áreas devem ser bem aplicadas para garantir que qualidade de vida e equidade de direitos para todos, sejam estudantes, sejam professores, pais e comunidade. É o que defende a presidente do Conselho Administrativo do Cenpec e da Fundação Tide Setubal, Maria Alice Setubal.

Falar de qualidade da educação implica a implementação de políticas públicas multissetoriais que dêem conta de todos esses aspectos, de modo que a escola possa trabalhar de forma integrada, potencializando a comunidade em relação às áreas de proteção social, saúde, cultura e esportes. (SETUBAL, 2009, p.7)

Quando Setubal fala sobre a escola trabalhar de forma integrada, ela aborda três grupos especiais que precisam agir conjuntamente para garantir o desenvolvimento pleno do aluno: professores, pais (ou responsáveis legais) e a comunidade. Fica claro que os seis atores sociais a serem abordados pelo projeto são distintos e, ao mesmo tempo, complementares. Cada um tem diferentes motivações, mas elas se enlaçam em uma rede motivacional complexa e dependente.

Na visão da autora do presente projeto, é impossível tratar sobre o tema sem compreender e abordar os contextos de todos os atores sociais envolvidos. Ainda, considera-se que tratar a educação do ponto de vista da motivação permite explorar um universo dificilmente medido em números de rendimento escolar: a abordagem garante evidenciar questões sociais que podem e devem ser alvo de políticas públicas integradas, visando o bem estar da comunidade escolar como um todo.

2.3 Jornalismo

O fazer jornalístico permite ao profissional explorar tantas temáticas quanto se achar relevante e/ou de interesse público. É o caso deste projeto, inteiramente construído no estudo da Comunicação Social e nas práticas jornalísticas, mas abordando a Educação como guarda-chuva. Isso só é possível porque o Jornalismo, encaixado em algum lugar entre as ciências sociais aplicadas e as ciências humanas, é antes de tudo um recorte sobre realidades consideradas como “importantes e/ou interessantes” (TRAQUINA, 2005). Como o autor explica, há um “acordo tácito” entre os jornalistas e os leitores de que o Jornalismo é a própria realidade.

De fato, é condenável quando o jornalismo flerta com a ficção, mas ao mesmo tempo seria ingenuidade acreditar que todas as realidades do mundo estão impressas nos jornais ou veiculadas em outros formatos. Por vezes, determinadas realidades são tão esquecidas (ou deixadas de lado) pelo Jornalismo que elas sequer parecem existir na compreensão do público. Outro fator que influencia na invisibilização de determinados grupos é a discussão acadêmica do que é, de fato, o Jornalismo. Deuze e Witschge (2015, p. 6) explicam que a compreensão vigente de que o Jornalismo é a notícia quente, factual, relacionada à política e à economia, acaba por frequentemente excluir “os marginalizados e as vozes minoritárias, bem como certas práticas e formas de jornalismo”.

Outrossim, o próprio conceito de objetividade, como definido pelo realismo - no qual a matéria chega ao leitor fiel ao fato (GUERRA, 2008) -, é cercado de poréns. Tudo o que se experiencia é apenas uma intermediação inerentemente subjetiva entre o homem e a realidade. Dessa forma, “o fato em si mesmo [...] não é disponível” (GUERRA, 2008, p. 100). Mesmo assim, insiste-se em, popularmente ou na prática

jornalística, defender a notícia como a “fiel descrição” do fato. Não é o que este projeto propõe: no momento que há o recorte de faixa etária, de nível de ensino, entre outros, nega-se a descrição totalmente fiel à realidade como um todo. O que está ao alcance do jornalista é sempre e unicamente o que ele subjetivamente e ativamente consegue e procura apreender do complexo emaranhado de realidades.

Portanto, é importante compreender que a realidade transmitida pelo jornal é apenas um episódio de uma infinita “telenovela” contada “sempre em pedaços” (TRAQUINA, 2005). Não bastasse a natural impossibilidade de se abraçar todas as realidades de uma vez, o jornalista se depara em uma corrida contra o relógio, no objetivo de publicar fatos quase no mesmo instante em que eles acontecem. Essa rotina frenética é acentuada pelas redes sociais que, por definição, pregam o imediatismo.

Mas algumas realidades precisam de tempo. Precisam de um profissional que divida da mesma mesa que a personagem, sem muitos equipamentos em volta, pronto para quase unicamente ouvir. Por mais que os jornalistas dediquem-se dia após dia a retratar histórias mais humanas em minutos, algumas realidades pedem horas, dias e até meses. Para elas, o jornalista reserva formatos mais aprofundados, como grandes reportagens impressas ou *longforms* (LONGHI E WINQUES, 2015) dentro dos portais dos grupos de comunicação.

Para o presente projeto, por exemplo, o tempo será mensurado em meses e os fragmentos da complexa realidade que é a Educação terão espaço próprio em um site multimídia. De acordo com Longhi (2010), o especial multimídia tem sido utilizado de duas maneiras: por justaposição e por integração. Enquanto o primeiro trabalha com textos, imagens e sons organizados lado a lado, porém autossuficientes individualmente, o segundo cria um “único discurso” a partir da combinação dos elementos. Além do conceito de multimídia, a autora ainda fala sobre intermídia, uma linguagem que aposta na “fusão conceitual, formando uma terceira linguagem⁷” (LONGHI, 2008 *apud* LONGHI, 2010).

Os formatos transformam a terceira fase do jornalismo na internet em webjornalismo propriamente dito, analisa Longhi (2009). Ademais, a primeira fase do jornalismo on-line resumia-se a transpor o que estava impresso para o formato digital,

⁷ A terceira linguagem a que Longhi se refere é uma linguagem “nova”, mais relacionada ao sentido construído no e pelo texto. Dessa forma, o intermídia pode ser interpretado como a linguagem em si, pois resulta em uma linguagem nova a depender da construção de cada produto.

enquanto a segunda fase somente começava a utilizar o link hipertextual. Para a pesquisadora, a não-linearidade da cultura digital abre espaço para recursos capazes de “representar a simultaneidade dos pensamentos que ocorrem no cérebro” (MURRAY, 1997 *apud* LONGHI, 2009), por meio da mistura de imagens, sons e textos.

Tratam-se de histórias contadas com uma combinação de meios, que vão da imagem em movimento, ou parada, ao som, passando pelo tratamento da imagem em terceira dimensão, possibilitado por softwares cada vez mais poderosos do ponto de vista da manipulação digital da informação. Reunindo conteúdo e forma, tratam-se de narrativas poderosas para a informação. (LONGHI, 2009, p. 192)

O site **Presença** se propõe justamente a permitir que o leitor navegue pelos conteúdos e seja capaz de construir múltiplas interpretações e caminhos de leitura a partir da interação dinâmica e fluida com o site, mas ainda considerando que o site é uma mensagem coesa pela combinação de linguagens diversas. A intenção vai mais longe ao propor que o leitor construa uma relação mais íntima com a informação, tornando-se parte dela. É quando entram recursos como formulários e avaliações dos conteúdos, cujos dados serão transformados também em material jornalístico - explica-se mais sobre o sistema no quesito *4.1 Site*.

Essa relação aproximada com a informação é favorecida pelo jornalismo imersivo. Para Luciano Costa (2018), a imersão está materializada em grandes reportagens multimídia, em infográficos interativos e também reportagens em realidade virtual, aumentada ou em 360 graus. Segundo o autor, são todos produtos que dão “a sensação de ser testemunha dos acontecimentos”, por simularem a presença em primeira pessoa no local da notícia. Mas enquanto Costa (2017) entende o jornalismo imersivo em sua melhor forma nas reportagens em 360 graus e em realidade virtual, o autor também traz concepções anteriores. Para Pavlik (2001 *apud* COSTA, 2017), uma narrativa imersiva permite ao leitor “entrar e navegar na reportagem em vez de simplesmente olhar para ela de forma linear”. Às vezes, ele diz, essa narrativa é aumentada por outra tecnologia, como é o caso da realidade virtual, mas em qualquer caso é um “produto contextualizado”.

Mesmo que com poucos conteúdos em 360 graus - um, na aba Comunidades - e nenhum em realidade virtual, a tentativa de reduzir a mediação do jornalista entre leitor e informação continua presente. Isso porque o ponto de vista do profissional

sempre vai se sobrepôr às produções jornalísticas, ainda que a busca pela objetividade seja clara e consciente. Como afirma Costa (2017), as narrativas do cotidiano são “consequência de uma apuração com base em uma subjetividade que busca um olhar objetivo sobre o mundo” - e justamente porque a subjetividade existe, é impossível fugir da parcialidade. Por isso, conteúdos que ofereçam ao leitor mediação reduzida por parte do jornalista são uma boa alternativa para garantir que os diferentes aspectos e leituras possíveis da realidade sejam explorados pelos usuários de maneira mais autônoma.

Cabe mencionar o fator criativo das produções jornalísticas, seja nas páginas impressas e virtuais dos veículos de comunicação tradicionais, seja em produções experimentais. Novamente, Traquina (2005) coloca o Jornalismo tanto como uma atividade intelectual, quanto criativa, “embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores”.

Por outro lado, o Jornalismo está cada vez mais próximo da Ciência da Computação e Tecnologia da Informação para encontrar soluções de formato e experiência a demandas criativas. Dessa parceria é que as produções multimídia, intermídia e imersivas mais tiram proveito, especialmente no webjornalismo. Muitos desses recursos da TI e da Ciência da Computação serão utilizados para a construção do site do presente projeto.

3 METODOLOGIA

O site **Presença** é um produto prático jornalístico, de natureza aplicada. Dessa forma, não apresenta as categorias acadêmicas tradicionais de metodologia científica. Por isso, nesta seção serão tomadas decisões de ordem procedimental e deontológica do Jornalismo.

Primeiro, discutirei as estratégias e ferramentas jornalísticas utilizadas no processo de apuração e produção do projeto, assim como as concepções editoriais que permitiram a decisão de critérios para a abordagem ética e prática dos entrevistados. A partir dessas diretrizes, apresento as características da identidade visual do site, com os fundamentos teóricos e práticos para a definição de cores, de tipografias e de logo. As decisões éticas, deontológicas e práticas culminam na construção do site e de seus conteúdos, embasados na perspectiva do jornalismo imersivo e multimídia. Por último, abordo os procedimentos da produção do podcast.

3.1 Estratégias e ferramentas jornalísticas

Franciscato (2006) compreende o jornalismo como um “intermediário” entre o conhecimento científico, obtido racionalmente e por meio de experiências, e o senso comum, obtido pela vida cotidiana. Pelo tempo reduzido para pesquisas mais aprofundadas para produção do conteúdo jornalístico, o profissional adota um método mais simplificado “para coleta de informações e construção de relatos, se comparado com o rigor científico”, analisa o autor.

E o meio termo é benéfico ao jornalista. Para Franciscato (2006), esse “diálogo” com as duas fontes de conhecimento permitem que o profissional use de ambas para construção de “quadros interpretativos, métodos e práticas, formas e conteúdos, sem que, no entanto, perca a sua especificidade” (FRANCISCATO, 2006, p. 13).

A rotina padrão para qualquer produção jornalística está baseada em quatro fases: 1) elaboração da pauta; 2) pré-produção; 3) produção; e 4) pós-produção (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 78). Durante a elaboração da pauta, o jornalista faz o que seria uma revisão bibliográfica da temática a ser abordada. Pesquisa-se o geral,

entende-se parcialmente a problemática e define-se uma pauta. Ou seja, qual será a abordagem específica daquela temática, no caso deste projeto, a Educação.

A pré-produção envolve a análise das fontes e a sequência de abordagem. O jornalista deve ter discernimento para estabelecer quem ou quais serão as fontes de informação para o produto. Podem ser documentos, imagens, livros e pessoas, personagens, especialistas.

A princípio, o projeto iria abordar o ensino fundamental I, envolvendo crianças de 6 a 10 anos de idade, por ser o período escolar com mais matrículas. No entanto, em conversas com pesquisadores, entendi que essa etapa de ensino não enfrenta tantas dificuldades quanto as seguintes: ensino fundamental II e ensino médio. É a partir do 6º ano que observam-se maiores taxas de evasão escolar, especialmente na mudança do 9º ano para o ensino médio. Nesse sentido, o ensino fundamental II é terreno fértil para investigar motivações e desmotivações - o que causa a evasão escolar (e portanto, o que desmotiva ou tira esse aluno da escola), mas também o que o mantém na escola.

Essa abordagem é apresentada de maneira estrutural, indo das políticas públicas elaboradas, perpassando todo o corpo escolar e chegando na comunidade; como debatido na seção *2.2 Educação*.

Com a faixa etária dos alunos decidida, a pré-produção também ajudou a definir que tipos de escolas seriam abordadas. A partir de entrevistas e pesquisas, concluí que o ideal seria conversar com comunidades escolares de Escolas de Tempo Integral (ETIs). Elas são um projeto governamental que visa reduzir a evasão escolar e promete desenvolver o aluno como cidadão pleno. Observando o mapa de ETIs municipais, é fácil notar como elas estão presentes em bairros de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito baixo.

Além disso, as ETIs surgem como um grande equipamento público, idealmente com quadras esportivas, laboratórios e bibliotecas. No entanto, também em entrevistas, deu para perceber que nem todas as ETIs municipais estão no modelo ideal, causando muitos problemas.

Assim foi se costurando o campo específico do site **Presença**. A partir daí, defini que entrevistaria professores e alunos de ETIs, além dos pais dessas crianças e adolescentes e pessoas que morassem em comunidades que têm ETIs. Mais para frente na fase de apuração (abordada a seguir), após dificuldade de acessar pessoas “comuns”

das comunidades, entrevistei lideranças comunitárias, coordenadores de bibliotecas comunitárias ou representantes de organizações não governamentais (ONGs).

Ainda, falando especificamente do podcast Presença, decidi por abordar três assuntos relacionados ao ensino médio: o Programa Internacional de Avaliação Educacional (Pisa), o processo de escolha de carreira e entrada no mercado de trabalho e a evasão escolar no ensino médio. Cheguei a esses temas também pelas entrevistas com os pesquisadores e durante as pesquisas na produção do Referencial Teórico deste projeto.

Já na fase de produção, ocorre a confrontação de informações e a checagem delas. É o que se chama de apuração: o momento da investigação, na qual toda fonte é válida de atenção e checagem. De acordo com Pereira Junior (2010), a apuração de informações é o “álibi” da imprensa, o que a diferencia de literatura: “É a espinha dorsal do jornalismo” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p.73). Ainda que tão essencial e característica do Jornalismo, inexistem uma forma padrão de apurar as informações. Cada história e cada dado pede e apresenta possibilidades diferentes de serem verificados. Há vezes, por exemplo, que a verificação sequer é possível. Por isso, o autor relembra que o trabalho jornalístico deve ser pautado, além da técnica, pela ética e retórica do profissional.

Entram no momento da apuração as entrevistas. Por elas, o jornalista tem acesso a explicações de fenômenos fora da expertise da Comunicação Social, a relatos que compõem uma das realidades investigadas pela matéria e a análises, posicionamentos e pontos de vista sobre o tema.

Para Medina (1986), a entrevista de fato deve criar uma relação humana entre os três envolvidos - o entrevistado, o repórter e o receptor daquele conteúdo. É muito difícil criar esse relacionamento por meio de questionários definidos, não moldáveis e que levam o entrevistado a dizer o que o repórter quer ouvir e, portanto, constatar o que o repórter acha que seja a realidade. A autora entende que, em entrevistas mais humanas, as vivências, dúvidas e juízos de valores do entrevistado viram histórias que “decolam do indivíduo” e se “consustanciam em muitas interpretações” (MEDINA, 1986).

É claro que, com a entrevista, tem-se um ponto de vista muito bem recortado. É o entrevistado quem decide o quanto está confortável para falar e como

falar. Por isso, Morin (1973, *apud* MEDINA, 1986) aborda a importância de a figura do entrevistador ser simpática e tranquilizadora. Para este trabalho, reforça-se ainda outra palavra chave para a postura do entrevistador: interesse genuíno. Ainda segundo Morin (1973, *apud* MEDINA, 1986), o ideal é conduzir entrevistas “não-diretivas” - aquelas que dão a palavra ao entrevistado, sem limitá-lo a questões pré-estabelecidas, e que são capazes de “contribuir para uma auto-elucidação e para a tomada de consciência do indivíduo”.

O andamento da entrevista quase sempre dependerá não somente da técnica do jornalista, mas também da habilidade receptiva. É o que defende Caputo (2006) ao explicar que sem construção receptiva da entrevista, ou seja, sem ouvir as sugestões e vivências do outro (seja ele quem for), não há como o profissional ativamente construir uma entrevista. “Se não soubermos receber o que a vida nos mostra, [...] matamos nossa escrita” (CAPUTO, 2006, p. 23).

Entrevistei 10 professores de ETIs, 12 pesquisadores da área da Educação (3 para o Podcast) e políticos que têm a Educação como bandeira, 4 arquitetos focados em ETIs e escolas no modelo Waldorf, 3 mães de alunos, 1 liderança comunitária, 1 representante de ONG e 3 coordenadores de bibliotecas comunitárias. Para o podcast, foram entrevistas mais 2 psicólogas e 2 personagens. Todas as entrevistas foram realizadas pelo Zoom, Google Meet, WhatsApp ou por ligação telefônica - em razão da pandemia de Covid-19 e das medidas de isolamento social. A maioria das entrevistas foram gravadas em áudio e, quando possível, em vídeo.

A partir delas, foi possível produzir vídeos de entrevistas, como os presentes na aba Comunidades e na aba Escola, além de introduzir áudios na aba Pais e responsáveis.

Os professores foram contatados a partir de indicações, por meio da amostragem em bola de neve (DEWES, 2013): cada um indicava um ou mais professores para a entrevista, que por sua vez indicavam outros. No entanto, como lembra Dewes (2013), a metodologia costuma “trazer viés” ao grupo entrevistado. Isso porque é comum que pessoas indiquem semelhantes ou pessoas “mais famosas” em relação à temática discutida.

Já em relação a quais escolas seriam entrevistadas (ou seja, os professores, alunos, pais e responsáveis legais e comunidade que se relacionam por meio daquela

escola), o projeto planeja abordar as instituições dos professores pré-entrevistados, além das escolas com desempenho classificado como mais satisfatório e menos satisfatório pela SME. Assim, após dez pré-entrevistas, a autora acumulou quatro instituições de ensino candidatas a sediarem as entrevistas com alunos e, por consequência, pais e comunidade.

O fato de se entrevistar escolas de professores já contatados vem do nível de relacionamento inicial já criado entre a jornalista e a fonte. Dessa forma, a aproximação com os atores é menos brusca, gerando um ambiente mais saudável para as entrevistas.

No entanto, o modelo de entrevistas remoto também me impediu de alcançar com mais facilidade os alunos, os pais deles e os moradores das comunidades. Em condições normais, eu escolheria uma ou duas escolas para visitar com frequência e criar vínculos com os personagens. Mas a pandemia e as constantes medidas de isolamento social - incluindo dois lockdowns - dificultou o processo. Fiquei dependente da colaboração, muito generosa e paciente, dos professores.

Com eles, desenvolvemos um formulário com 3 perguntas obrigatórias (Idade, gênero e série) e 6 perguntas abertas não obrigatórias para os alunos. São elas:

1. Como é a sua relação com a escola hoje em dia? Você gosta dela? Tem algo nela que você gostaria que fosse diferente ou que fosse melhor? Talvez em relação ao prédio, ou às aulas, ou a relação com os colegas de turma?
2. Tem alguma coisa que você goste muito da escola? Se sim, o que é? O que te faz gostar disso?
3. Tem alguma coisa que você não goste da vivência na escola? O que você acha que te faz sentir assim?
4. O que você acredita que é o mais importante da escola? Por que?
5. Você já teve ou tem algum professor que te marcou muito? Se sim, por quê?
6. Pra finalizar, me conta um pouco mais sobre você! O que você gosta de fazer quando não está estudando?

O formulário foi desenvolvido dentro do Google Forms, uma ferramenta que eles já estão habituados a usar pelas aulas remotas.

Como são menores de idade, eu só poderia usar as respostas dos alunos autorizados pelos pais. Normalmente, essa autorização se daria pela assinatura de um Termo de Autorização sancionado pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Com a pandemia, essa assinatura física foi substituída por vários órgãos e empresas por uma assinatura digital. No entanto, parecia muito complicado pedir que os pais tirassem uma foto da assinatura, abrissem o documento do Termo, inserissem a assinatura e enviassem para mim. Então, ficou decidido que o formulário traria uma mensagem de apresentação introdutória explicando o projeto e que o Termo de Autorização (linkado na mensagem) seria considerado como assinado ao selecionar a resposta: "Autorizou o uso das minhas respostas".

No total, 50 alunos responderam ao formulário. Deles, 48 foram autorizados pelos pais. Como o projeto se propõe a manter o anonimato de todos os menores de idade, não foi perguntado o nome das crianças e adolescentes. Por outro lado, há dados sobre o perfil dos alunos: 50% meninas e 50% meninos; 72% do oitavo ano do ensino fundamental; 28% do nono ano do ensino fundamental; 12% com 12 anos de idade; 56% com 13 anos de idade; 28% com 14 anos de idade e 4% com 15 anos de idade.

As perguntas que envolviam relatos deles ficaram em aberto e não obrigatórias. Assim, eles só precisavam responder o que se sentissem confortáveis. Além disso, as perguntas foram desenvolvidas na tentativa de guiar melhor as respostas, mas não influenciá-las. Aprendi com os professores que é bom não deixar as perguntas muito abertas, mas ao mesmo tempo não limitá-las a exemplos específicos a ponto de direcionar os alunos para um mesmo relato.

A adesão foi surpreendente e muito satisfatória. Mesmo com a impossibilidade de falar diretamente com os alunos, eles foram muito expressivos e sinceros nas respostas do formulário. Além disso, com a ajuda do professor Fabrício Leomar, consegui conversar com 5 alunos autorizados pelos pais em um grupo do WhatsApp. Com eles, conversei sobre os estudos durante a pandemia, do que eles estavam sentindo saudade nas escolas e também como eles enxergavam o esforço dos professores e alunos nas aulas remotas. A partir dessas interações, foi possível criar as interatividades da aba Alunos, com o perfil dos adolescentes das ETIs e também as percepções deles sobre a escola.

Com as informações necessárias em mãos, o jornalista pode dar seguimento à pós-produção, quando irá organizar os conteúdos e trabalhar no visual da reportagem, quando for o caso. Neste caso, a etapa definida por Pereira Junior (2010) é muito focada no jornalismo impresso factual, mas, mesmo que acrescida de trabalho, segue válida para a fase de pós-produção em um produto multimídia. Ademais, ainda que a ordem natural seja esta, é comum que as etapas de pré-produção, produção e pós-produção se misturem em algumas ocasiões. Em produtos de grande porte, por exemplo, certos estágios de pós-produção de conteúdo podem ser realizados conjuntamente à produção/apuração de outros. Desde que a elaboração da pauta e a pré-produção sejam bem executadas, a simultaneidade de tarefas não deve ser uma preocupação.

No caso do site **Presença**, a apuração acompanhou a pós-produção até o último dia para entrega do trabalho. Durante o ano e meio de produção do projeto, foi muito difícil contatar familiares que aceitassem ser entrevistados e pessoas da comunidade. Com muito esforço, principalmente do professor Fabrício Leomar, consegui entrevistar 3 mães para a aba Pais e responsáveis. Além disso, até a última semana antes da entrega, trabalhei nas entrevistas para a aba Comunidades.

Concomitantemente, foquei na produção dos conteúdos. Foram 3 reportagens, 2 linhas do tempo, 2 enquetes, 1 infográfico, 1 quiz, 6 produtos interativos (dentro deles entrevistas em áudio, vídeos e imagens), 1 produto em 360°, 3 mapas de Fortaleza com dados sobre equipamentos públicos, número de escolas e ETIs e IDH; 7 artigos de opinião, 2 atividades com envio de relatos e imagens.

Nas produções interativas, trabalhei em três frentes. Para criação de mapas ou gráficos, utilizei o Flourish, uma ferramenta online e gratuita de visualização de dados. Para imagens interativas, com objetivos clicáveis e arrastáveis, usei o Genially. O Genially é uma ferramenta gratuita desenvolvida para tornar aulas mais atrativas, mas tem sido usada por alguns meios de comunicação de jornalismo multimídia. É o caso do O POVO +, a primeira plataforma de *streaming* jornalística da América Latina, do Grupo de Comunicação O POVO.

No final do ano de 2020, fui contratada como repórter na equipe do O POVO +. Lá, me aprofundi mais no uso do Genially e conheci o Flourish, assim como algumas outras ferramentas não utilizadas no site. Esse uso constante me ajudou a

conhecer as possibilidades dos dois programas e criar produções interativas que pudessem agregar tanto visualmente, quanto jornalisticamente no **Presença**.

Para garantir que os produtos estivessem funcionando em diversos computadores e celulares, fui enviando alguns dos produtos para minhas amigas próximas testarem - assim como para o orientador. Também fiz minha irmã de 14 anos usar algumas das funções. A partir desses envios, consegui identificar detalhes que precisavam ser melhor explicados ou destacados nas imagens. Uma das instruções que surgiu após o teste com minha irmã foi a de tirar *print* da tela antes de mudar de página ou aba dentro das produções do Genially que envolviam objetos arrastáveis. Isso porque, ao mudar de página, a ferramenta reinicia a posição dos objetos, o que gerou uma certa frustração na minha irmã, por ter perdido todo o trabalho.

A terceira e última frente para as interações no site envolveu o trabalho da desenvolvedora web Juliana de Camillo. Como explicarei na seção 3.4 *Site*, Juliana programou o site a partir de alguns storyboards desenhados por mim. Além de montar o site, ela também programou as enquetes e a área de envio de relatos e imagens, que dependem de banco de dados próprio.

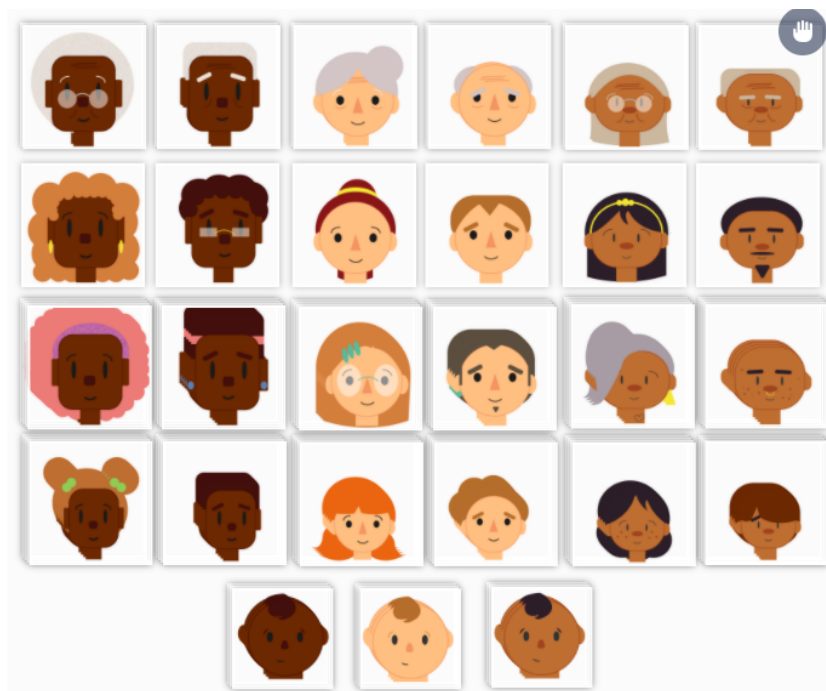
De produções audiovisuais, foram 7 vídeos: 3 editados pelo jornalista Leonardo Maia, roteirizados e narrados por mim, adicionados em um produto interativo na aba Escola; e 4 editados por mim, adicionados no produto interativo da aba Comunidades. Há também um Podcast com 3 episódios de até 13 minutos, além de 3 áudios na aba dos Pais e responsáveis, com entrevistas das mães.

Os produtos acompanharam a identidade visual do site **Presença**, abordada na seção 3.3 *Identidade visual*, assim como ilustrações feitas por mim. O uso dos desenhos foi uma maneira de suprir várias dificuldades técnicas e editoriais: primeiro, a impossibilidade de sair de casa e entrevistar os personagens *in loco*; segundo, a decisão editorial (seção 3.2 *Concepção editorial*) de manter a identidade dos menores de idade anônima, assim como a dos professores, a pedido dos próprios.

Assim, criei personagens (Figura 1) que representassem os alunos e profissionais da educação (Figura 2), mas que não dessem pistas de quem foram entrevistados. Utilizei nomes fictícios, além de não criar as personagens baseadas na aparência física dos professores. Por outro lado, tive o cuidado de tentar garantir o

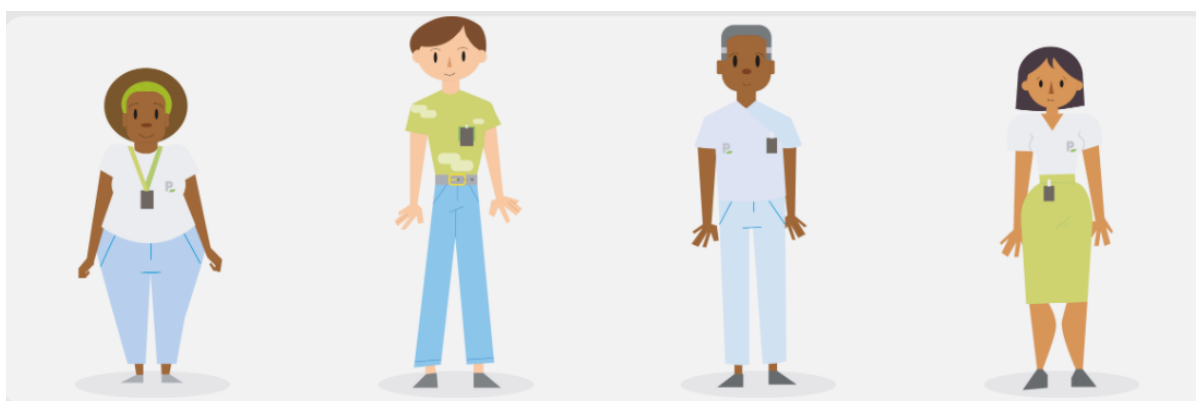
máximo de diversidade entre as ilustrações, pensando na diversidade de cor de pele, de gênero, de altura e tamanhos de corpos e de idade.

Figura 1: Exemplo de personagens.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 2: Exemplo de profissionais.



Fonte: Elaborado pela autora.

3.2 Concepção editorial

A concepção editorial de um produto jornalístico define as intenções e razões por trás das escolhas editoriais. Como define Fatima Ali (2009), a concepção editorial - no caso, ela fala em “missão editorial” - é o “fio condutor” da publicação. De acordo com ela, a missão editorial é o que alinha da identidade visual à “montagem de pauta de cada edição, cada seção, cada matéria”. Na redação, esses rumos estão em sintonia com a maneira que a informação é apresentada ao público. Pereira Junior (2006) explica que é trabalho do editor, uma ponte entre os repórteres e a gerência do veículo, incorporar essa concepção editorial e tomar decisões que ao final da edição estarão alinhadas ao que o veículo propõe.

Isso, é claro, escancara a ausência de imparcialidade do Jornalismo - um objetivo impossível, considerando que tudo na linguagem é uma escolha entre milhares de possibilidades. Por isso, o autor afirma que o processo de edição “revela muito do ‘caráter’” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 24) do editor, tanto individual, quanto organizacional. De modo a justificar escolhas intrinsecamente pessoais, o Jornalismo é rodeado de critérios “universalizados e ‘objetivantes’” (JUNIOR, 2006, p. 27) que irão igualmente guiar decisões difíceis de serem feitas. Mesmo assim, prevalece em certo grau o “caráter” do editor. Neste projeto, a edição independe de gerências de veículos e pode definir valores que, desde o princípio, estejam alinhados com a temática e objetivos do trabalho.

Há, ainda, a questão da ética jornalística. De fato, se as decisões do que é ou não publicado e o como é publicado dependem do caráter do editor, esse caráter deve ser pautado pelas éticas do Jornalismo. Na definição de Rushworth Kidder, citado por Pereira Junior (2006, p. 42), a ética é “a conduta que adotamos, mesmo quando não somos forçados por lei”. Como logo será mencionado, a conduta jornalística ao tratar de temáticas envolvendo crianças e adolescentes deve ser cautelosa e sempre preventiva. É o que indicam guias desenvolvidos por organizações dedicadas à infância, embasadas principalmente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Dessa forma, o site **Presença** fez um jornalismo pautado na história de vida e perfis dos atores sociais. De fato, dados e especialistas são essenciais para analisar e apresentar ângulos da realidade, mas foi da vivência e percepção dos atores sociais que o trabalho tirou sua força. Afinal, a motivação é um fator muito individual, mas quando

vários aspectos motivadores e desmotivadores são visualizados juntos, é possível perceber padrões ou similaridades.

Em termos de prática jornalística e ética durante a apuração, como o trabalho lidou com crianças e adolescentes, é importante frisar o artigo 17 do ECA, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o direito ao respeito da criança e do adolescente. Entre outros, consiste na “preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças” (BRASIL, 1990). Portanto, o site **Presença** não utilizou imagens de nenhuma criança ou adolescente entrevistado. Essa etapa também acabou sendo evitada, considerando a pandemia de Covid-19 e as escolas fechadas: não pude, de fato, visitar os alunos e nem filmá-los ou entrevistá-los por áudio. De qualquer forma, os relatos enviados pelos alunos por meio de formulário no Google Forms só puderam ser utilizados se autorizados pelos pais e responsáveis.

O cuidado com a identidade das crianças e adolescentes também perpassou, editorialmente, pela decisão de usar as fotos das mães ou não. Como lembra a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), é possível identificar os filhos por meio de imagens dos familiares. Assim, na medida que uma criança ou adolescente não estivesse autorizada ou não pudesse ser identificada, a regra valeria para todos os integrantes da família. No entanto, não foi necessário se preocupar com isso durante a produção do trabalho já que apenas três mães foram entrevistadas. Usei fotos cedidas e autorizadas por elas, nas quais, quando estavam os filhos, eles não estavam em situação de vulnerabilidade.

Para fins de decisões editoriais, reforço que também não utilizaria imagens ou relatos que pudessem colocar a criança e adolescente ou qualquer pessoa próxima a elas em risco, mesmo que as identidades fossem trocadas ou omitidas. A recomendação da Andi (2011, p. 116) é assegurar-se de que “a criança não será colocada em risco ou prejudicada pela exposição de sua casa, comunidade ou localização”. As entrevistas com menores de idade, no caso do PRESENÇA realizadas brevemente com alunos autorizados pelos pais por meio do grupo de WhatsApp, foram acompanhadas pelo professor responsável.

Em apurações relacionadas aos governos e instituições envolvidas nas decisões de políticas públicas, foram ouvidos os gestores educacionais, pesquisadores e também os conselhos tutelares, quando cabível.

Em termos do produto como tal, o projeto foi pensado para ser aprofundado, interativo, abrangente (quanto à faixa etária dos leitores) e acessível. Formatos alternativos e interativos junto a reportagens mais aprofundadas foram desenvolvidos com conteúdo leve e dinâmico, principalmente para atrair e informar as crianças e adolescentes visitantes, especialmente focando em textos curtos e destaques visuais alinhados à esquerda, considerando que a faixa etária tende a ter uma leitura mais dinâmica das páginas (por meio de destaques). No entanto, o conteúdo deve evitar a “infantilização”, na finalidade de manter uma experiência dinâmica e interativa também para os adultos visitantes. Os gêneros utilizados foram reportagem, infografia interativa, podcast e vídeo.

A redação dos textos foi clara e objetiva, de forma que mais pessoas compreendam e sintam-se confortáveis durante a leitura. O site também possui ferramentas de acessibilidade, envolvendo aumento e diminuição da fonte, alto contraste e responsividade com os leitores de tela JAWS, Virtual Vision, Voice Over, Orca e Interface Especializada Dosvox.

3.3 Identidade visual

3.3.1 Cores

Definir a paleta de cores de um projeto é mais complicado do que se imagina. Enquanto a intuição reforça desejos internos do produtor de como a estética do trabalho ficaria mais agradável, a razão deve identificar emoções gerais que determinadas cores afetam no público alvo do trabalho. A tarefa fica mais desafiadora ao considerar que o público alvo de um projeto é extremamente variado.

Por outro lado, objetividade e intuição se mesclam na decisão da paleta de cores. Isso porque não há, por definitivo, nada que comprove significados universais para as cores. Afinal, se a sensação das cores fosse universal, o branco significaria paz tanto no Brasil, quanto na Índia. No entanto, pela falta da universalidade cromática, os indianos ainda cobrem-se em branco para celebrar os funerais - e os brasileiros, em preto.

A maneira que cada cultura significa as cores depende de fatores sociais, econômicos, históricos e geográficos. No ocidente, por exemplo, a Igreja Católica é responsável por sistematizar diversos simbolismos para as cores, relacionando-as a períodos litúrgicos ainda no século IV (FRASER, BANKS, 2007). Daí a compreensão ocidental de que vermelho significa sangue e martírio, por exemplo, e o preto, luto.

A relatividade das cores ainda depende da maneira que cada indivíduo vivencia o mundo. Traumas ou tradições familiares, *verbia gratia*, influenciam como as cores afetam cada um de nós.

Todas as teorias da cor são, em algum sentido, teorias da linguagem, e o modo pelo qual “falamos”, “ouvimos” ou “lemos” as cores nos diz bastante sobre nossa compreensão do mundo. (FRASER, BANKS, 2007, p.19)

Por isso, ainda que a paleta de cores do projeto **Presença** tenha sido determinada a partir de sistemas baseados na psicologia da cor, ela também está diretamente ligada às interpretações das cores da própria autora. O intuito é garantir que a identidade do projeto esteja ligada ao público alvo, mas também à percepção da autora quanto às problemáticas exploradas durante a apuração jornalística do trabalho.

Para definir a paleta de seis cores do projeto **Presença**, utilizou-se o sistema de Wright. O sistema de Wright é baseado nos estudos da psicoterapeuta Angela Wright, que investigou, a partir de 1970, como as cores influenciavam os estados de espírito e comportamentos das pessoas. Ela formulou a hipótese que baseia o sistema Colour Affects⁸, mundialmente utilizado por designers, que permite aplicar a psicologia das cores objetivamente, e que foi testado em diversos aspectos do comércio.

Wright elenca as sensações das cores em pontos positivos e negativos. A partir da análise e reflexão sobre as relações entre os fatores nas cores e as vivências apresentadas pelas seis abordagens do projeto, chegou-se a seguinte classificação de cores (Figura 3):

- (a) Vermelho - Familiares: pelas relações de carinho e amor, mas também de autoridade e hierarquia;

⁸ <http://www.colour-affects.co.uk/index/>

- (b) Verde - Professores: pelo fato de ser a cor que simboliza o dinheiro e emprego, assim como equilíbrio (no sentido de serem uma ponte entre a escola e os estudantes);
- (c) Turquesa - Alunos: é a cor da expansividade, de riquezas e exaltação, refletindo o potencial dentro de cada estudante;
- (d) Amarelo - Políticas públicas: representa dinheiro e segurança, reforçando as funções administrativas e de garantia de direitos que o setor de políticas públicas tem;
- (e) Violeta - Comunidade: representa os múltiplos interesses e visões de uma comunidade, pelo significado ambíguo da cor (luxo/decadência, autenticidade/refreamento);
- (f) Azul - Escola: é uma cor calma, introspectiva, que simboliza a sabedoria e representa o espaço.

Figura 3: Cores do Presença.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para facilitar a legibilidade e garantir o contraste com as cores, o site é majoritariamente cinza, revezando entre três tons de cinza (Figura 4). Além disso, o preto e branco são utilizados quando é necessário contraste do texto com a cor de fundo.

Figura 4: Tons de cinza do Presença.



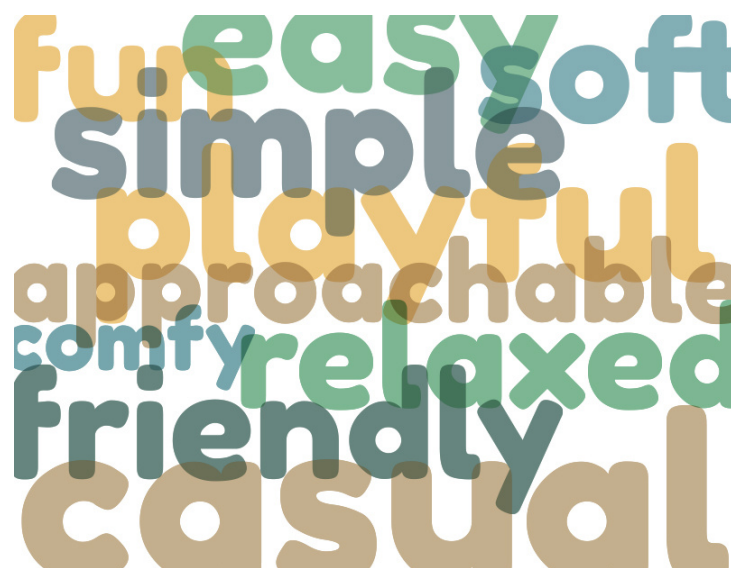
Fonte: Elaborado pela autora.

3.3.2 Tipografia

O projeto **Presença** utiliza duas tipografias: Fredoka One e Roboto.

A tipografia principal, utilizada em títulos, cartolas, destaques, botões e também na logo do projeto é a Fredoka One (Figura 5). Ela é uma tipografia livre, disponibilizada na versão regular pelo Google Fonts, biblioteca com mais de 800 fontes livres licenciadas. A tipografia é definida como “simples, fácil, divertida, relaxada, confortável, brincalhona, acessível, suave, amigável e casual”

Figura 5: Tipografia Fredoka One.



Fonte: Divulgação/Milena Brandao⁹.

⁹ A tipografia também está disponível para download livre no portfólio da designer. Ela já foi utilizada nos “Doodles” da Google na ocasião das Olimpíadas de 2012. Disponível em: <https://www.milenabdesign.com/fredoka-fonts>

Fredoka One foi desenvolvida pela designer Milena Brandao e é licenciada pela SIL Open Font License (OFL)¹⁰: ela pode ser utilizada em produtos e projetos, impressos ou digitais, tanto para uso comercial, quanto pessoal. No entanto, ela não pode ser vendida separadamente. De acordo com a OFL, as condições de uso da Fredoka One são atribuir os créditos da autora.

Já os textos secundários, de reportagem e legendas são em Roboto (Figura 6), desenhada pelo designer Christian Robertson. Ela também está disponível livremente pelo Google Fonts, sendo descrita como uma fonte que permite um ritmo de leitura natural e confortável. Ela é amplamente utilizada por websites e é a fonte padrão do Android.

Por essas características de leitura confortável e por ser mais conhecida pelo público em geral, optou-se pela Roboto para contrastar com a Fredoka - uma tipografia muito diferente e estilizada - e garantir um toque de reconhecido do usuário com o site, que propõe formas de navegação não-lineares.

Figura 6: Tipografia Roboto.

Roboto
SUNGLASSES
Self-driving robot lollipop truck
Fudgesicles only 25¢
ICE CREAM
 Marshmallows & almonds
 #9876543210
Music around the block
 Summer heat rising up from the boardwalk

Fonte: Divulgação/Google Fonts.

¹⁰ Disponível em http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=OFL.

A Roboto é licenciada sob a licença Apache, versão 2.0. Ela pode ser utilizada livremente em produtos ou projetos, sejam eles impressos, digitais, comerciais ou não-comerciais. Ela não pode ser vendida como uma fonte, separadamente.

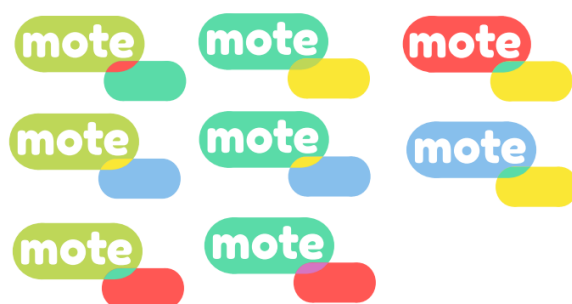
3.3.3 Logo

Para o desenvolvimento da logo do **Presença**, foi necessário decidir o nome do projeto. A princípio, a ideia era que o projeto se chamasse Mote, originado da palavra “motivação”. No entanto, após algumas conversas não científicas com amigos, percebeu-se que a palavra “mote” era frequentemente lida como “morte” ou “motel”. A partir disso, concluiu-se que Mote não era o nome adequado para o projeto.

Após entrevistas com gestores, pesquisadores, professores e outros, o novo nome decidido foi “Presença”. A palavra foi repetida constantemente e parecia construir o sentido ideal: a de participação política, social e até emocional da comunidade escolar na construção da educação e da escola. Além disso, a palavra tem o cedilha, uma marca da língua portuguesa e que sustenta a decisão gráfica de usar acentuações gráficas como recursos gráficos.

No entanto, a palavra é grande e difícil de estilizar. Enquanto a palavra “Mote” cabia em uma logo previamente desenvolvida (Figura 7), o “Presença”, não. Na primeira logo, as formas funcionam como balões de diálogo entre os atores sociais (cores). Na interseção dos balões, está uma terceira cor, que representa aqueles cuja relação entre os atores sociais afetam, por exemplo.

Figura 7: Primeira logo.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com a mudança do nome, a logo já não funcionava. Com base em algumas inspirações de design do Behance, um site da Adobe de autopromoção de portfólios online, a decisão foi por simplificar a palavra a uma letra, “P”, e usar um recurso visual que desse sentido ao produto.

Uma das inspirações foi a logo desenvolvida pela designer Mayara Fischer¹¹ (Figura 8), o sobrenome da nutricionista (Borges) foi reduzido para a letra “B”, na tipografia escolhida. A partir daí, a designer usou a forma de uma folha no topo da letra para simular uma fruta (como uma laranja, tangerina ou, para combinar com a letra, uma bergamota).

Na logo desenvolvida pelo designer Guilherme Degli¹² (Figura 9), a inicial do sobrenome do designer também é utilizada, adicionando formas para estilizá-la em uma lâmpada. Já a logo desenvolvida pela designer Majo Grimaldo¹³ (Figura 10) para o projeto Guardianes de la Salud é construída por formas: um escudo, uma pessoa e um coração.

Figura 8: Logo Raquel Borges.



Fonte: Divulgação/Mayara Fischer.

¹¹ Disponível em:

https://www.behance.net/gallery/79459373/Raquel-Borges-Nutricionista?tracking_source=search_projects_recommended%7Clogotipo

¹² Disponível em:

https://www.behance.net/gallery/107417305/Personal-Branding?tracking_source=search_projects_recommended%7Clogotipo

¹³ Disponível em:

https://www.behance.net/gallery/105610133/Guardianes-de-la-Salud?tracking_source=search_projects_recommended%7Clogotipo%20dise%C3%B1o%20gr%C3%A1fico

Figura 9: Logo DG Design.



Fonte: Divulgação/Guilherme Degli.

Figura 10: Logo Guardián de la Salud.



Fonte: Divulgação/Majo Grimaldo.

Inspirada nos exemplos, o recurso escolhido foi a interseção entre os balões de diálogo da primeira ideia de logo, já apresentada. A forma, em vermelho, (Figura 11) surge do encontro entre os atores sociais, representando o que é realmente essencial na comunicação e na construção da educação: a coletividade, o diálogo propriamente dito.

Além disso, no momento que a forma é colocada ao lado da letra “P”, a logo parece se transformar em uma flor. Isso porque a forma de interseção pode ter várias

leituras, da mesma forma que os balões - ao mesmo tempo que eles surgiram como balões, eles também representam os tijolos que constroem a escola, as nuvens que representam os sonhos/desejos dos atores sociais em relação à educação e qualquer outra interpretação. A cor da letra “P” foi deixada em cinza para que apenas a cor da forma mude de acordo com a aba do site/ator social. Assim, surge a logo do **Presença** (Figura 12).

Figura 11: Formato das nuvens e da pétala.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 12: Logo final do Presença.



Fonte: Elaborado pela autora.

3.4 Site

Para cumprir o objetivo geral e ao objetivo específico 1 deste projeto, foi construído um site multimídia, portanto com produções textuais, audiovisuais, sonoras e interativas, focadas na motivação no ensino fundamental II. Por meio do site, é possível desenvolver produções interativas e imersivas que permitam que todas as idades acessem conteúdos na quantidade e qualidade desejadas. Ainda, estimula o consumo de outros produtos disponíveis online.

O site foi desenhado por mim, usando o Adobe Illustrator. Nele, fiz os storyboards de todas as páginas, já considerando o que poderia entrar como conteúdo no projeto. Em dezembro de 2020, contratei os serviços da desenvolvedora web Juliana de Camillo, por meio do site 99freelas¹⁴. A partir dos storyboards, ela construiu o site já responsivo para celular. Ela também contribuiu com sugestões para garantir a melhor experiência do usuário e criou um painel de controle intuitivo para a alimentação do site.

Como o site exige um bom banco de dados e um design funcional mais específico - incluindo um menu suspenso e a home com palavras aleatórias -, não seria possível desenvolvê-lo gratuitamente com o Wix ou WordPress. Por isso, ele foi criado do zero. O site pode ser acessado com o endereço presenca.jor.br, comprado dentro do registro.br. Além disso, ele está hospedado no HostGator, um provedor de hospedagem na web que também disponibiliza endereços de e-mail aos contratantes. O **Presença** tem e-mail próprio, utilizado na criação da conta de Soundcloud (para hospedagem de áudios) e YouTube (para hospedagem de vídeos): catalina@presenca.jor.br.

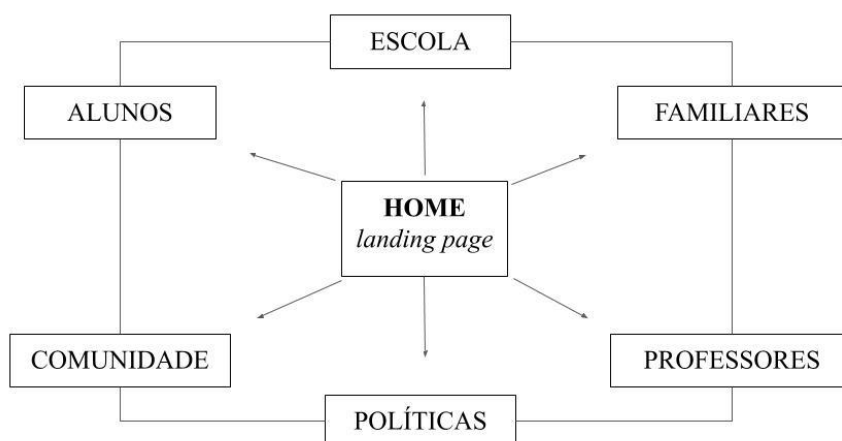
O site do projeto é composto por uma página inicial no formato *landing page* (página de aterrissagem) e seis abas - cada uma com conteúdos específicos para os atores abordados: alunos, pais e familiares, professores, comunidade, estrutura escolar e políticas públicas. O termo *landing page* é emprestado do Marketing e define as páginas iniciais mais simples, livre de abas ou links distrativos (RD STATION, 2020). Na definição da RD Station (2020), o objetivo dessa página “minimalista” é transformar o visitante em um “lead”, como o Marketing denomina aquelas pessoas que demonstraram interesse por algum tipo de serviço.

¹⁴ <https://www.99freelas.com.br/user/jucamillo>

Apesar de o termo focar em conversão de clientes em potencial, considero que ele define bem a missão da página inicial do projeto. Ele será o ponto de início para o visitante definir os caminhos a serem percorridos na leitura e interação sobre a motivação no ensino básico (Figura 13).

Nela, o usuário se depara com uma seleção aleatória de 6 palavras entre 36, cada uma relacionada a um aspecto motivador para cada ator social. Elas são clicáveis e o leitor seleciona a que mais chama a atenção, por exemplo. Assim, excluem-se eventuais hierarquias entre os conteúdos, já que na realidade elas não existem. As palavras mudam a cada novo acesso à página, retiradas de um banco de dados com 36 termos (seis para cada ator social) selecionados a partir de entrevistas com fontes.

Figura 13: Árvore hipertextual. (Elaborado pela autora)



Fonte: Elaborado pela autora.

Nas abas relacionadas aos atores sociais, o visitante tem acesso a pelo menos três conteúdos interativos. Na aba dos Professores, por exemplo, há uma linha do tempo, uma área para envio de relatos, uma enquete, uma espécie de infográfico sobre o salário dos professores e duas reportagens. Enquanto isso, a página dos Alunos e dos Pais e responsáveis são as que têm menos conteúdos interativos, no limite de 3. Para alunos, são duas imagens interativas com botões clicáveis para acessar conteúdos jornalísticos e o podcast; para os pais e responsáveis, há um gráfico interativo, uma gamificação e entrevistas em áudio com 3 mães.

A diferença de quantidade de conteúdos entre os três atores sociais é consequência direta da dificuldade de acesso aos alunos e aos pais. Durante o ano, consegui conversar com muitos especialistas e professores, mas só consegui autorização da Secretaria Municipal de Educação (SME) para contatar alunos em janeiro de 2021. Com os pais e responsáveis, a dificuldade foi encontrar pais com alunos em Escolas de Tempo Integral (ETI) e, quando entrados, convencê-los a darem entrevista.

Já para atender o objetivo específico 2 (Alimentar dentro do site uma base de dados cooperativa sobre a escola e bairro ideal dos atores sociais relacionados a fatores como estrutura escolar, quadro de funcionários e espaços públicos), a desenvolvedora web Juliana de Camillo programou enquetes e recursos nas abas Professores, Escola e Comunidade. São eles: uma enquete sobre quadro de funcionários nas escolas, um recurso de envio de relatos em texto sobre a experiência na escola e com professores, uma enquete sobre materiais e estruturas escolares e um recurso de envio de imagens sobre o bairro ideal.

3.5 Podcast

Atendendo ao objetivo específico 3, o site **Presença** aborda os aspectos motivadores e desmotivadores do ensino médio, que também compõe a educação básica. Para tal, foi produzido um podcast - publicado dentro do site por meio do Soundcloud - de três episódios com duração de até 13 minutos. Os conteúdos para o podcast são particularmente influenciados pelas discussões publicadas pelo Pisa, além de abordagens relacionadas à função da educação para a sociedade e que tipos de cidadãos são “moldados” a partir dela. Foram discutidas questões como qualidade da educação, empregabilidade, carreiras vocacionais, evasão escolar e adequação à sociedade atual.

O objetivo foi trabalhar um formato que permita uma narrativa em primeira pessoa, explorando as próprias motivações da autora no percurso da pauta. Para Lindgren (2020), as “narrativas personalizadas estão intrinsecamente ligadas à natureza íntima do meio sonoro”. A decisão é inspirada também na narrativa utilizada pelas

jornalistas do podcast de jornalismo científico 37 Graus¹⁵ e pela reportagem especial em formato podcast “Crianças que Leem”, do jornal Estadão¹⁶.

O principal desafio na produção do Podcast **Presença** foi encontrar especialistas disponíveis para falar sobre o Pisa. Por outro lado, personagens para falar sobre carreira e evasão escolar foram mais fáceis de acessar, por meio de indicação de amigos e também pelo grupo no Facebook “Alguém conhece alguém que”.

Por causa da pandemia de Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas remotamente, por telefone, Zoom ou Google Meet. Como os telefones não gravam as chamadas diretamente do aparelho, foi necessário gravar as entrevistas com equipamentos externos. Nesse caso, utilizei o gravador online da plataforma 123Apps¹⁷. Infelizmente, a estratégia implica na redução da qualidade do áudio, que também depende do sinal de telefonia dos entrevistados. O mesmo ocorreu com as gravações por Zoom ou Google Meet: a depender do sinal de internet, a voz pode sair travada ou cortada. A pós-produção tratou de reduzir os ruídos o máximo possível por meio da ferramenta online Equalizer¹⁸, também do 123Apps.

A edição se deu pelo Movie Maker. O sistema não é o mais recomendável para edição de áudio para podcast, que geralmente pede sobreposição de áudios - algo que o Movie Maker não faz. No entanto, com a pandemia, precisei trabalhar com os sistemas que o meu computador de quase seis ou sete anos, com processador core i3, suportasse. Ainda que o Adobe Premiere abra no meu computador, ele não consegue funcionar bem. Para fins de exemplo, passei um final de semana inteiro tentando editar menos de um minuto de vídeo no Premiere, e não consegui concluir pelos constantes travamentos.

Assim, o Movie Maker foi uma solução funcional para a edição dos áudios - ainda que mais trabalhosa, já que, em casos de sobreposição de áudio, precisei preparar uma edição, exportá-la e, então, editar um novo projeto em cima da edição anterior salva como vídeo.

¹⁵ Podcast 37 Graus. Disponível em: <https://37grauspodcast.com/>

¹⁶ Especial “Crianças que Leem”, publicado em 23 de outubro de 2019, pelo jornal Estadão. Disponível: <https://www.estadao.com.br/infograficos/educacao/criancas-que-leem.1046679>

¹⁷ Disponível em <https://online-voice-recorder.com/pt/>

¹⁸ Disponível em <https://mp3cut.net/pt/equalizer>

4 RESULTADOS

O site **Presença** foi construído a partir de 87 entrevistas e relatos - desses, 50 foram relatos de estudantes.

No grupo dos professores, a relação com os estudantes e o desenvolvimento individual deles foram apontados como aspectos motivadores da profissão. Porém, eles também comentaram como a desvalorização salarial da profissão, a estrutura das escolas e as diversas violências que os alunos enfrentam são desmotivadores. A partir das entrevistas, notei o quão envolvidos eles se tornam com os desafios enfrentados pelos alunos e como, mesmo às vezes em dúvidas sobre a profissão, eles encontram motivação na ideia de poderem transformar a vida dos estudantes de alguma maneira.

Ao mesmo tempo, há muito peso no ombro deles. Todos mencionaram como a carência por afeto dos estudantes os comove. Eles também sentem culpa quando “perdem” alunos para as drogas, a violência entre facções, para a depressão ou para a gravidez na adolescência. O questionamento sobre o que poderiam ter feito para mudar a realidade desses alunos reforça o tamanho da responsabilidade que eles acreditam ter - e de fato acabam tendo - para com a vida e o futuro dos estudantes.

Nesse caso, entendo que os professores ficarão satisfeitos com a aba Professores, por abordar a importância de um quadro de profissionais interdisciplinar, a atenção à saúde mental dos professores e alunos e também a situação salarial da classe profissional.

Já os alunos encaram as escolas como espaços nos quais podem fazer amigos, interagir com profissionais que os estimulam a seguir seus sonhos e também podem praticar exercícios físicos e outras atividades que os empolgam. Por outro lado, o bullying, o desinteresse de alguns colegas, o desconforto estrutural de algumas escolas (como não ter espaços para descansar durante o intervalo) são bem desmotivadores. Ainda, muitos citaram o desejo de terem mais disciplinas úteis para atividades do dia a dia, tais quais finanças e defesa pessoal.

Pelos relatos enviados por formulário, foi possível notar o potencial criativo e participativo dos estudantes. Muitos mencionaram sentir saudades da escola e dos professores, considerando a pandemia de Covid-19, e demonstraram plena consciência sobre a importância da educação em suas vidas.

Os adolescentes de 13 a 15 anos que responderam o formulário são criativos, empáticos e muito divertidos. Eles têm muita segurança ao apontar o que desejam que fosse melhor na escola e definir o que já consideram satisfatório. Por isso, compreendo que os recursos interativos, as enquetes e as áreas para envio de relatos e de imagens têm potencial para adesão ampla dos estudantes, principalmente se motivados pelos professores ou pela comunidade.

Da mesma maneira, as mães entrevistadas foram muito claras ao reforçar a importância da educação na vida dos filhos. As três mães entrevistadas tinham perfis diferentes: uma cursou até a 4ª série do ensino fundamental, outra completou o ensino médio e a terceira tem ensino técnico, mas almeja um ensino superior. As histórias de vida de cada uma refletem na forma em que elas conversam com os filhos sobre a importância e as possibilidades da educação. Para as três, pensar em um ensino técnico e superior é prioridade, mas elas também dão espaço para que os filhos decidam quais carreiras seguir e como - se por uma faculdade ou por inserção direta no mercado de trabalho.

Os recursos que envolvem a reflexão sobre a influência da família e da comunidade na motivação dos estudantes podem ser as mais interessantes para elas e outros pais e responsáveis. São produtos que colocam os pais e moradores em posição participativa na construção de uma escola ideal e justa. Além disso, a aba Escola também deve ser interessante para eles, por apresentar possibilidades de modelos educacionais e estruturas físicas escolares os quais podem ser almeçados pelos pais e estudantes.

Como já discutido na seção 2.2.1 *Pessoas*, a relação com a escola sempre será influenciada pela comunidade em que essas pessoas vivem. Em entrevista com líderes comunitários e coordenadores de bibliotecas comunitárias de quatro bairros de Fortaleza (Grande Bom Jardim, Jangurussu, Grande Mondubim e Sabiaguaba), fica claro que a mobilização comunitária é grande aliada da educação e afeta diretamente o acesso a direitos básicos e, por consequência, as taxas de evasão escolar.

Há uma forte preocupação em construir uma comunidade consciente de sua própria identidade e cultura, para que, a partir delas, elas possam cobrar do poder público políticas efetivas e coerentes com as necessidades do território. Além disso, esse autoconhecimento influi na autoestima dos alunos e dos moradores do bairro, que

encontram na mobilização espaço para falar sobre o bairro que querem construir e no qual querem viver. O site conseguiu trazer essas questões, por exemplo, por meio da função de enviar imagens com o tema “meu bairro ideal”, na aba Comunidades.

Quando o assunto é poder público, o site foi construído no período entre as discussões mais intensas sobre o Novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Novo Fundeb), a aprovação dele e a sanção da lei pelo Governo Federal no dia 25 de dezembro de 2020. Assim, o site traz um infográfico explicando como funciona o Novo Fundeb, além de uma linha do tempo com os marcos históricos educacionais na política brasileira. A aba de Políticas Públicas foi a mais tranquila de ser produzida, pela grande disponibilidade de conteúdo na internet e a facilidade de contatar pesquisadores e políticos da Educação remotamente. A aba ainda traz sete artigos de opinião sobre diferentes aspectos educacionais que não foram abordados no site, mas que são de suma importância para a reflexão integral sobre o cenário educacional do ensino básico de Fortaleza.

A aba Escolas também foi construída com menos percalços. Em especial, a gamificação “A estrutura importa” foi um dos resultados mais satisfatórios da aba, já que cumpriu a ideia original e consegue ser um produto extremamente interativo. Nele, os objetos são arrastáveis e clicáveis, alimentados com diversos conteúdos jornalísticos, entre eles 3 vídeos editados pelo jornalista Leonardo Maia. Os vídeos têm menos de 3 minutos e tentam instigar os alunos a refletirem sobre a escola que eles têm agora e a escola que eles gostariam de ter, apontando alternativas reais para alguns anseios, como salas de aula mais aconchegantes, consumo de energia solar nas escolas e quadras, refeitórios, laboratórios e bibliotecas de qualidade.

Alguns dos desafios encontrados foi o acesso a dados oficiais. A preparação de mapas com dados sobre quantidades e tipos de equipamentos públicos nos bairros, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos bairros de Fortaleza e também do perfil educacional da população ficou dependente de dados oficiais, infelizmente já defasados. Nos dados referentes à Fortaleza, foram utilizados os disponibilizados no site Fortaleza em Mapas¹⁹, desenvolvido pela prefeitura para formulação do projeto de desenvolvimento urbano Fortaleza 2040. O site reúne estatísticas de diversas instituições, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto

¹⁹ Disponível em <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/#/>

de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), relacionadas a aspectos territoriais, socioeconômicos e legislativos.

No entanto, esses dados são de diferentes anos, a depender da data da pesquisa do instituto em específico. Há estatísticas mais recentes, de 2019, e outras bem mais antigas, de 2010 - como é o caso do IDH, avaliado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pela última vez em 2009 e publicada em 2010. Essa lacuna temporal entre os dados prejudica um pouco a leitura deles. Para evitar isso, adicionei notas apontando essa diferença e alertando para a possibilidade de o cenário ter melhorado ou piorado, levando sempre os leitores a confrontarem as estatísticas com o observado no cotidiano.

O mesmo ocorre com o gráfico da aba Pais e Responsáveis, “Perfil educacional dos jovens adultos”. Com dados da Pnad de 2015, o gráfico compara taxas de analfabetismo, taxas de escolaridade, número de alunos matriculados e número médio de anos de estudo entre três faixas etárias e gênero do Nordeste. Mas esse não era o objetivo inicial. A ideia original era criar um gráfico que mostrasse o perfil das famílias fortalezenses.

Porém, o IBGE disponibiliza ao público os dados já “limpos” em tabelas, com faixas etárias diferentes entre algumas categorias e dados organizados de maneira a não terem correspondência com outras estatísticas. Dessa forma, ficou impossível criar uma correlação entre os dados socioeconômicos e os educacionais capaz de refletir a ideia original. Ademais, o IBGE separou as informações majoritariamente por regiões, poucas vezes por estados e nenhuma vez por capitais.

Com ajuda da bióloga Sandra Beltrán Pedreros, as tabelas foram limpas até chegar às categorias educacionais já citadas e atualmente presentes no gráfico. Decidi construir um gráfico que refletisse o cenário educacional do Nordeste em 2015 entre as pessoas com mais de 15 anos. Isso porque, 6 anos depois, esse grupo representa os jovens adultos e adultos da região.

5 CONCLUSÃO

Produzir um projeto jornalístico prático como o **Presença** em tempos de pandemia foi um grande desafio. Com as escolas fechadas e a necessidade de entrevistas remotas, é justo dizer que o trabalho perdeu muito em potencial de relatos e entrevistas. É seguro dizer que o site pode ser muito melhor com o passar do tempo e as possibilidades de contato com os estudantes e outros atores sociais. Mesmo assim, entendo que o produto entregue teve muito êxito, consideradas as limitações - incluindo as tecnológicas, pelo acesso dificultado a sistemas de edição antes disponíveis na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Além disso, foi um desafio executar o projeto enquanto precisei dividir esforços físicos e criativos para as disciplinas da universidade e para o trabalho. As três jornadas exigiram que eu trabalhasse com atividades práticas muito similares das 7 horas às 21 horas de todos os dias, incluindo finais de semana. Mais do que uma “mera reclamação”, essas dificuldades são uma constatação de que o trabalho, apesar dos pesares, conseguiu ter fôlego e cumprir com muitas das propostas iniciais.

Todos os atores sociais tiveram entrevistas significativas, garantindo abordagens intrinsecamente humanas e pessoais aos temas. Todas as abas tiveram atividades interativas e potencialmente úteis para o uso de professores durante as aulas. O site foi construído como planejado pelos storyboards, com os bancos de dados para recebimento de relatos e imagens.

No projeto inicial, o **Presença** também teria uma cartilha, possivelmente dando sugestões de como os professores poderiam utilizar o site nas aulas. A ideia não foi para a frente, devido a dificuldade de contato com os entrevistados. De qualquer forma, essa função acabou sendo transferida para a página Sobre²⁰ do site, que dá indicações de como usar o site e quais funcionalidades existem em cada uma das abas. A solução acaba por ser mais transparente e acessível para todos que desejarem usar o site **Presença** como espaço de discussão democrática.

Por fim, reforço que o site **Presença** não é um produto estático. Ele surge com o objetivo de ser dinâmico e construído com o passar do tempo por várias mãos,

²⁰ Disponível em <http://presenca.jor.br/sobre/>

sejam elas enviando relatos ou imagens, sejam elas sugerindo novos produtos e debates. O site não é um produto jornalístico focado na notícia quente e distanciada do leitor. Pelo contrário, é um espaço de integração e de construção participativa que se propõe virar um meio impulsionador de reflexões em torno da educação básica em Fortaleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Fatima. **A arte de editar revistas: um guia para jornalistas, diretores de redação, diretores de arte, editores e estudantes.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

ANDI. **Educação no Brasil – Guia de referência para a cobertura jornalística.** Brasília, DF: Rede Andi Brasil, janeiro de 2009. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/andi/guia_educacao.pdf.

ANDI. **Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas.** 2 ed. Brasília, DF: Rede ANDI Brasil, julho de 2011. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/andi/eca_umguiaparajornalistas.pdf.

BEZERRA, Zedeki Fiel; SENA, Fernanda Alves; DANTAS, Osmarina Maria dos Santos; CAVALCANTE, Alden Rodrigues; NAKAYAMA, Luiza. **Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária.** Educar, Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n37/a16n37.pdf>.

BRASIL. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros.** OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

BRASIL. **Relatório Brasil no PISA 2018 - Versão preliminar.** OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf.

BRASIL. **Site do Ministério da Educação.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso no dia 28 de novembro de 2019.

BRASIL. **Ficha de tramitação da PEC 15/2015.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1198512>. Acesso no dia 13 de julho de 2020.

BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Brasília, DF, julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069compilado.htm. Acesso no dia 14 de agosto de 2020.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, práticas e experiências.** Petrópolis: Vozes, 2006. Disponível em: <http://acaspi.org/wp-content/uploads/2018/03/Livro-Sobre-Entrevistas.pdf>.

CEARÁ. **Site da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.** Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/>. Acesso no dia 28 de novembro de 2019.

COSTA, Luciano. **Jornalismo Imersivo de Realidade Virtual: aspectos teóricos e técnicos para um modelo narrativo.** 2017. 205 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COSTA, Luciano. **O jornalismo imersivo como experiência do acontecimento.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1259/735>.

CREPALDI, Elaise Mara Ferreira. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno.** In: Congresso Nacional de Educação, XIII, 2017, Curitiba. Anais... p. 11732-11744. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **Além do jornalismo.** Leituras do jornalismo, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>.

DEWES, João Oswaldo. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos.** (Monografia) Curso de Graduação em Estatística: Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 52 p., 2013.

FORTALEZA. **Perfil da Secretaria**. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/> . Acesso no dia 10 de julho de 2020.

FORTALEZA. **Site da Secretaria Municipal de Educação**. Disponível em: <http://educacao.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso no dia 10 de julho de 2020.

FORTALEZA. **Plano Municipal de Educação**. Fortaleza: SME, 2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Jornalismo, ciência e senso comum: contribuições do método científico para a reportagem jornalística**. 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru: Unesp, 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_483.pdf.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. **O guia completo da cor: Livro essencial para a consciência das cores**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 224

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, março-abril 1995.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

LIMA, Vanda Moreira Machado. **A complexidade da docência nos anos iniciais na escola pública**. In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, São Paulo, v. 22, n. 23, p. 148-166, maio/agosto, 2012.

LINDGREN, Mia. **Jornalismo narrativo pessoal e podcasting**. Tradução: Gustavo Ferreira. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

LONGHI, Raquel Ritter. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia**. In: Estudos em Comunicação, n. 7, v. 2, p. 149-161, maio de 2010.

LONGHI, Raquel Ritter. **Infografia on-line: narrativa intermídia**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, n. 1, p. 187 - 196, jan./jun., 2009.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática. 95, 96p. Princípios, v. 105, 1986.

OBSERVATÓRIO DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Meta 6 - Educação integral**. Disponível em: <https://www.observatoriodopne.org.br/>. Acesso no dia 10 de julho de 2020.

OCDE. **Satisfação dos professores de ciências: evidências dos questionários do professor do Pisa 2015**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa_satisfacao_do_professor_de_ciencias.pdf.

OECD. **What School Life Means for Students' Lives**. OECD Publishing, Paris, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/acd78851-en>.

OECD. **Brazil - Country Note - PISA 2018 Results**. OECD Publishing, Paris, 2019. Disponível em: https://www.oecd.org/pisa/publications/PISA2018_CN_BRA.pdf.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2010.

RD STATION. **Como criar uma Landing Page: dicas e exemplos para ter altas taxas de conversão**. Livro digital. Florianópolis, 2020.

SANTOS, Ananda Ribeiro dos; CERDEIRA, Valda Aparecida Antunes. **A importância da comunidade no contexto educacional**. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT. 3 ed. Itapeva, novembro de 2013. Disponível em:

http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/kuwhaQYciV8ckcO_2014-4-16-20-50-42.pdf.

SETUBAL, Maria Alice. **Os desafios de uma educação de qualidade em comunidades de alta vulnerabilidade**. In: Cadernos Cenpec, São Paulo, n. 6, p. 6-19, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.